

COLEÇÃO APLAUSO CINEMA BRASIL

DEPASSAGEM

roteiro de

Cláudio Yosida e Ricardo Elias

 **CULTURA**
Fundação Padre Anchieta

imprensa oficial

De Passagem

***Roteiro de
Claudio Yosida e Ricardo Elias***



GOVERNO DO ESTADO DE
SÃO PAULO
RESPEITO POR VOCÊ

Governador
Secretário Chefe da Casa Civil

Geraldo Alckmin
Arnaldo Madeira

imprensaoficial

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Diretor-presidente
Diretor Vice-presidente
Diretor Industrial
Diretora Financeira e
Administrativa
Núcleo de Projetos
Institucionais

Hubert Alquéres
Luiz Carlos Frigerio
Teiji Tomioka
Nodette Mameri Peano
Vera Lucia Wey



Fundação Padre Anchieta

Presidente
Projetos Especiais
Diretor de Programação

Marcos Mendonça
Adélia Lombardi
Rita Okamura

Coleção Aplauso Cinema Brasil

Coordenador Geral
Coordenador Operacional
e Pesquisa Iconográfica
Projeto Gráfico
e Editoração
Assistente Operacional

Rubens Ewald Filho
Marcelo Pestana
Carlos Cirne
Andressa Veronesi

De Passagem

*Roteiro de
Claudio Yosida e Ricardo Elias*



São Paulo - 2005

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Yosida, Claudio

De passagem / [roteiro de filme] Claudio Yosida e Ricardo Elias. – São Paulo : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo : Cultura – Fundação Padre Anchieta, 2005.

168p.: il. - (Coleção aplauso. Série cinema Brasil / coordenador geral Rubens Ewald Filho)

ISBN 85-7060-233-2 (obra completa) (Imprensa Oficial)

ISBN 85-7060-363-0 (Imprensa Oficial)

1. De passagem (Filme cinematográfico) – Crítica e interpretação 2. Cinema – Roteiros 3. Filmes brasileiros – História e crítica I. Elias, Ricardo. II. Ewald Filho, Rubens. III. Título. IV. Série.

CDD 791.437 2

Índices para catálogo sistemático:

1. De passagem : Filme cinematográfico :
Apreciação crítica 791.437 2

Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional (Lei nº 1.825, de 20/12/1907).

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Rua da Mooca, 1921 - Mooca

03103-902 - São Paulo - SP - Brasil

Tel.: (0xx11) 6099-9800

Fax: (0xx11) 6099-9674

www.imprensaoficial.com.br

e-mail: livros@imprensaoficial.com.br

SAC 0800-123401

Para Flávia e aos outros Yosidas.

Cláudio Yosida

Prefácio

Roteiro *De Passagem*

por Cláudio Yosida

Quando o diretor Ricardo Elias me convidou para escrever com ele o roteiro de *De Passagem* ele tinha muito claro em sua cabeça qual era o universo temático que pretendia trabalhar. Além disso, ele já havia escrito um belo início para o filme, que determinava todo um tom e deixava claro que estava muito interessado em discutir questões do Brasil de hoje. Ao conversarmos em cima dessas idéias e também sobre outras limitações que teríamos que enfrentar, já que estávamos escrevendo o roteiro de um filme de baixo orçamento, chegamos à conclusão sobre que história iríamos contar. A partir desse momento, meu trabalho foi o de colocar em palavras todas as cenas e personagens que criávamos.

Um processo que foi realizado de maneira muito cuidadosa, mas também de forma extremamente prazerosa, já que tanto personagens como suas ações vinham de maneira natural. Eram como

conhecidos, cujas vidas eu estava tendo o prazer de recontar. E uma vez estabelecida essa relação de aproximação e compreensão só o que tive de fazer foi respeitar os movimentos que história e personagens estabeleciam.

A primeira versão do roteiro que foi premiada pelo Ministério da Cultura no seu Concurso para longas de baixo orçamento foi escrita em pouco mais de um mês. Após a premiação, mais três versões foram escritas antes da versão final que foi filmada. Decidimos publicar a primeira revisão feita após a premiação para que o leitor, ao ver o filme, possa comparar as mudanças que tiveram que ser realizadas em função dos atores, das locações e de outras questões de produção. Espero que a publicação desse roteiro possa de alguma forma ajudar a futuros roteiristas, da mesma forma que outros roteiros que li ao longo da vida me ajudaram a formar um olhar e um modo de ver cinema.

Deixo um agradecimento especial a Assunção Hernandez e Ricardo Elias, por terem acreditado no meu trabalho, e dedico este livro aos meus pais e à minha esposa Flavia.

Roteiro *De Passagem*

por Ricardo Elias

De Passagem busca discutir de forma ao mesmo tempo realista e poética a vida dos jovens na periferia paulistana, mas sem apelar para clichês e visando constituir personagens que apresentem de forma prototípica os impasse daquela juventude. Uma juventude que normalmente é vista através de um olhar distorcido pelo preconceito como sendo formada em sua maioria por aspirantes ou por cúmplices da marginalidade. Essa distorção fez com que se criasse um referencial que não condiz com a realidade das nossas grandes cidades. Nelas o que se encontram são jovens e adultos batalhando pela sobrevivência e pela grande chance que poderá lançá-los além desses seus limites. Limites físicos, que os colocam distante do centro urbano e, principalmente, limites de oportunidades, que os excluem dos bons empregos, dos bons negócios. A superação dessas desvantagens a partir do que o cotidiano lhes oferece é o tema principal por trás de toda a narrativa de *De Passagem*.

Uma narrativa que é composta de dois momentos especiais na vida de três pessoas. O primeiro momento quando os três são meninos e têm que fazer uma viagem para realizar uma entrega, e o segundo, quando eles já são quase adultos e dois deles têm que reconhecer o corpo do terceiro numa delegacia. Através de uma montagem paralela entre esses dois momentos, *De Passagem* revela os impasses que os personagens têm que superar a cada momento em seu dia-a-dia. Certamente, tais impasses não são relativos apenas a São Paulo, podendo ser estendidos para outros centros urbanos brasileiros. Esses objetivos geram a necessidade de apresentar um personagem seguindo o caminho da marginalidade, Washington, outro que se iniciou nela, mas logo se desvinculou desse tipo de atividade pela crença numa religião evangélica e também, por que não, um jovem que, através do esforço pessoal nos estudos, consegue algum trampolim social através do ingresso na carreira militar, reconhecidamente através de vários estudos sociológicos uma das formas pelas quais os pobres, desde o século 19, buscam ascender à classe

média. Porém, como *De Passagem* pretende traçar um quadro nuançado da realidade da periferia, não se confronta de forma chapada, por exemplo, o bem (representado pela ascensão social) e o mal (representado na marginalidade), mas sim, se procura levantar as contradições inscritas nas opções das pessoas que têm pouquíssimas oportunidades na vida. Também visando a demonstrar as relações pessoais nas regiões pobres, apresenta-se a amizade entre os três jovens e o seu engarçamento devido aos diferentes caminhos que cada um tomou e/ou foi levado a tomar. Aqui temos um componente fundamental no sentido de humanizar efetivamente os personagens, pois daí derivam questões como lealdade, medo, saudade, descrença e a possibilidade de distanciá-los dos estereótipos ainda tão comuns na ficção audiovisual das classes menos favorecidas.



De Passagem

cena 01 – externa – fim de tarde – campo de terra

Três MENINOS (2 negros e um mulato, todos por volta de 10 anos) batem bola num pequeno campo de terra na periferia de São Paulo. Trocam passes e tentam fazer malabarismos com a bola. Um deles se sobressai por ter um ótimo controle de bola. Os três demonstram um enorme prazer em poderem estar jogando juntos. Os créditos iniciais do filme serão sobrepostos a essas imagens. No último plano, o menino mais habilidoso chuta a bola em direção à câmera, a imagem escurece e o título do filme entra num fundo preto.

13

cena 02 – externa – noite – rua da zona sul de São Paulo

Numa rua de terra, cheia de casas simples, ouvese um telefone. Após dois toques, a luz se acende em uma das casas. Todas as casas permanecem apagadas e somente em uma, a luz brilha na sala. A voz de uma senhora atende ao telefone.

VOZ DE MULHER

(Sonolenta) Alô? (Silêncio) Não, aqui é vizinha dela. (Silêncio mais longo) Como? (Silêncio) Pode deixar que eu aviso. (Desliga o telefone).

A porta da casa iluminada se abre. Uma MULHER sai de dentro e vai apressada até a quarta casa à esquerda da sua. Ela bate na porta com força e aguarda. Após alguns segundos, a luz se acende na casa. Uma voz feminina pergunta.

VOZ FEMININA

Quem é?

14

MULHER NA PORTA

Sou eu, dona Clotilde.

A porta se abre e antes mesmo que CLOTILDE fale algo, a mulher entra na casa puxando-a pelo braço. A porta mantém-se aberta. A luminosidade das duas fachadas contrasta com as casas que estão entre elas. Ouve-se um grito desesperado acompanhado de um choro dolorido.

CLOTILDE

(Gritando) Não!

O grito e o choro ecoam por toda a vizinhança. Aos poucos, algumas casas acendem as luzes também.

cena 03 – externa – amanhecer – rua da zona sul de São Paulo

Numa rua de terra, um ônibus pára em seu ponto final. Assim que a porta se abre, poucos passageiros descem, entre eles um rapaz negro de aproximadamente 17 anos, vestindo um uniforme e com um corte de cabelo de colégio militar. O rapaz, JEFERSON, está com aspecto sério e cansado. Desce do ônibus com sua pequena mala e, ao passar em frente a porta dianteira do veículo, percebe uma SENHORA (nos seus 70 anos) aguardando com dificuldade que a porta seja aberta. Ele vai até o motorista.

15

JEFERSON

Será que o senhor pode abrir a porta pra aquela senhora.

O motorista olha em direção a porta e abre para que a senhora entre. Jeferson observa.

JEFERSON

Muito obrigado.

Ele sai caminhando. Seu uniforme está bem cuidado, mesmo seus sapatos, que, à medida que ele caminha, vão se enchendo de terra. Ele caminha de cabeça alta, sério. Aproxima-se da rua da cena anterior. Ao passar ao lado de um Opa-la preto, o alarme do carro dispara sozinho. Jeferson pára e olha a sua volta, como ninguém aparece ele continua sua caminhada. Ele vai em direção a casa de dona CLOTILDE.

16

cena 04 – interna – manhã – sala da casa de CLOTILDE

CLOTILDE está sentada no sofá da sala ao lado da filha, JENIFER. A vizinha que trouxe o recado, MERCEDES, entra na sala com um copo de água com açúcar para CLOTILDE. Jeferson entra na casa, vai até à mãe e se agacha para abraçá-la.

CLOTILDE

Jeferson, meu filho, que bom que você chegou.

(Abraça forte o rapaz enquanto seu olho se enche de lágrimas)

Jeferson abraça sua mãe e olha para a irmã. Seu rosto não demonstra tristeza ou surpresa com a notícia.

JEFERSON

O que aconteceu?

JENIFER aproxima-se da mãe e do irmão. Jeferson se afasta da mãe e abraça a irmã.

JENIFER

Ligaram pra casa da dona MERCEDES dizendo que tem um corpo em Francisco Morato e que é do Washington.

JEFERSON

Onde ele tava?

JENIFER

Ninguém sabe, ele não aparecia aqui faz uns três meses.

KENEDY, um rapaz de aproximadamente 16 anos, observa tudo em silêncio do canto da sala.

JEFERSON

E o que ele tava fazendo?

JENIFER

Ninguém sabe. Da última vez que ele veio aqui, brigou com o PAI, porque queria esconder os negócios dele aqui. O Pai não deixou e o Washington quase bateu nele.

JEFERSON

Cadê o pai?

JENIFER

Tá na cozinha.

Jeferson vai em direção à cozinha.

**cena 05 – interna – manhã – cozinha da casa de
CLOTILDE**

Jeferson passa pela cortina de plástico que separa os dois cômodos e vê o Pai sentado na mesa da cozinha. Vestido com a calça de um pijama, camiseta e chinelos, ele está com a cabeça baixa e rosto fechado. Sobre a mesa, uma foto antiga em que está com o uniforme de cabo ao lado dos três filhos, um copo, uma garrafa de cachaça pela metade e uma Bíblia. O Pai não percebe a entrada do filho.

JEFERSON

(Aproximando-se do Pai) Benção pai.

O Pai olha para ele e seu rosto não se altera. Jeferson dá um beijo no rosto do Pai e faz menção de voltar à sala. O Pai vira-se para ele e diz.

PAI

Instruir um insensato é tornar a ajustar um vaso quebrado;

Falar a quem não ouve

É como despertar alguém de um sono profundo.

Falar da sabedoria com um insensato

É conversar com alguém que está adormecendo;

No fim da conversa ele dirá: Que é?

Chora sobre um morto, porque ele perdeu a luz;

Chora sobre um tolo, porque é falho de juízo.

Chora menos sobre um morto, porque ele achou repouso;

A vida criminosa do mal, porém, é pior do que a morte. O luto por um morto dura sete dias,

Mas por um insensato e um ímpio, dura toda a vida.

Jeferson, sério, olha para o Pai, que bebe uma dose de cachaça. Jeferson sai da cozinha.

19

cena 06 – interna – manhã – sala da casa de CLOTILDE

Jeferson senta-se ao lado de Jenifer no sofá.

Clotilde e Mercedes também estão sentadas, mas Kenedy está de pé próximo à porta.

JEFERSON

Ele tá bem mal.

JENIFER

Tá se sentindo culpado.

JEFERSON

Culpado do quê? Faz tempo que o Washington tava pedindo isso.

JENIFER

Ele acha que criou a gente diferente. Que o Washington não teve as mesmas chances.

20

JEFERSON

Ele não devia.

JENIFER

Ele acha que a Febem ferrou ele.

CLOTILDE olha para Jeferson, que fica em silêncio e abaixa a cabeça.

MERCEDES

É a vontade de Deus, Clotilde, a gente não pode ficar questionando. Se ele quis, tem que ser assim.

Jeferson olha para MERCEDES e depois vira-se para Jenifer.

JENIFER

(Para Jeferson) Você quer um café?

JEFERSON

Não precisa.

CLOTILDE

Deixa que eu faço pra você.

JEFERSON

Deixa mãe, não precisa.

CLOTILDE

Você tá precisando de um café bem forte. O Washington sempre gostou do meu café bem forte e bem doce.

21

Jeferson olha para Jenifer e fica em silêncio por alguns segundos.

JEFERSON

Eu vou querer o café, mãe. Só que eu quero sem açúcar.

CLOTILDE

Pode deixar que eu vou passar um café fresco pra você.

Clotilde sai para a cozinha.

JEFERSON

(Falando baixo com Jenifer) Quando chega o corpo?

JENIFER

A gente tava esperando você chegar pra resolver isso. Tem que ir lá reconhecer o corpo pra depois eles liberarem. Só que tem que ser alguém da família.

JEFERSON

E onde é isso?

JENIFER

Em Francisco Morato. É bem longe daqui.

22

JEFERSON

E como que eu faço pra ir lá?

JENIFER

Não sei não. Não conheço pra aqueles lados não.

JEFERSON

E tem que ir já?

JENIFER

É melhor, quanto antes você for, antes você volta. Jeferson pega sua mala.

JEFERSON

Vou guardar a mala e já saio.

Ele sai em direção a um dos quartos.

cena 07 – interna – manhã – quarto da casa de CLOTILDE

Jeferson entra num quarto pequeno no qual existe um beliche e várias caixas amontoadas no chão. Ele coloca sua mala ao lado das caixas e senta-se na parte de baixo do beliche. Jeferson observa lentamente o quarto até que fixa seu olhar na porta.

cena 08 – interna – manhã – quarto da casa de CLOTILDE – FLASHBACK

Através da porta pode-se ouvir o barulho de dois meninos discutindo.

MENINO 1 (off)

23

Eu vou dormir em cima hoje.

MENINO 2 (off)

Claro que não, ontem foi seu dia.

Os dois meninos entram no quarto se empurrando e discutindo.

MENINO 1

Washington, você ouviu o que a mãe falou.

WASHINGTON

Mas ela não sabe o que a gente combinou.

Eles discutem ao lado da cama que agora está arrumada. No quarto, em vez das caixas, um

armário e uma cadeira onde os meninos jogam suas roupas. Washigton sobe correndo na parte de cima do beliche.

JEFERSON

Desce daí.

WASHINGTON

Agora eu já subi.

JEFERSON

Sai daí, hoje é o meu dia.

WASHINGTON

(Gozando) Quero ver você me tirar daqui.

JEFERSON

24 Desce senão vou lá falar pra mãe.

WASHINGTON

Pode ir.

Jeferson vai em direção à porta. Washington pára de rir. Jeferson sai enquanto Washington desce correndo para tentar segurá-lo.

JEFERSON

Mãe!

WASHINGTON

Pera aí Jeferson!

Os dois saem.

JEFERSON (off)

Mãe!

WASHINGTON (off)

Mãe!

JEFERSON (off)

Mãe!



**cena 09 – interna – manhã – quarto da casa de
CLOTILDE**

Através da porta podem-se ouvir passos. Clotilde aparece na porta.

CLOTILDE

Café tá pronto.

Jeferson está sentado na cama.

JEFERSON

Já vou mãe!

Ele se levanta e vai até a porta.

26

**cena 10 – interna – manhã – cozinha da casa de
CLOTILDE**

Jeferson chega à cozinha. O Pai está saindo cambaleante. Jeferson lhe dá a mão para que não caia. O Pai apóia a mão no ombro de Jeferson e recupera o equilíbrio. Eles se olham. Clotilde coloca café num copo. O Pai acaricia o rosto de Jeferson e sai. Jeferson e Clotilde acompanham a saída do Pai com o olhar. Ela entrega o copo de café a ele, e pega outro para si. Jeferson e Clotilde estão encostados na pia da cozinha.

CLOTILDE

Mandei ele descansar um pouco.

Jeferson fica em silêncio enquanto assopra o café.

CLOTILDE

Quanto tempo você pode ficar?

JEFERSON

Quase nada. Eu tenho que ir embora logo.

CLOTILDE

Por quê?

JEFERSON

É que é o último ano, o sargento não larga do nosso pé.

27

Clotilde fica em silêncio enquanto bebe o café. Jeferson observa a cozinha. Jenifer chega à porta.

JENIFER

Jeferson, a dona Mercedes sabe como faz pra chegar lá.

Jeferson e Clotilde acompanham Jenifer de volta à sala.

cena 11 – interna – manhã – sala da casa de CLOTILDE

Jenifer está ao lado de Mercedes, quando Jeferson e Clotilde se aproximam. Kenedy continua encostado na porta da casa.

JENIFER

Explica pra ele dona Mercedes.

MERCEDES

Não sei com certeza não, mas acho que tem que pegar umas três conduções pra chegar lá. (Apon-tando Kenedy) Ele sabe chegar lá. Você conhece aquele lado de lá, não conhece não, Kenedy?

28

Kenedy faz um sinal tímido com a cabeça que sim.

MERCEDES

Taí, ele vai com você, Jeferson.

Jeferson não faz uma cara muito favorável.

JEFERSON

Não precisa não, eu me viro.

CLOTILDE

Você não lembra do Kenedy, Jeferson? Vocês três sempre tavam juntos.

Jeferson olha em direção a Kenedy e só então o reconhece. Os dois se aproximam.

JEFERSON

(Apertando a mão de Kenedy) Não tinha te reconhecido. Desculpa aí, Kenedy. Mas é que você tá tão diferente.

KENEDY

(Ainda tímido) É, eu sei. Você também.

CLOTILDE

É melhor ele ir com você. Ele conhece o caminho.

JEFERSON

Não precisa, vai ficar incomodando ele.

KENEDY

(Aproxima-se de Jeferson) Eu quero muito ir. O Washington é que nem um irmão pra mim, quero saber o que aconteceu com ele.

JEFERSON

Não interessa o que aconteceu com ele. Eu vou só pra liberar o corpo. É melhor você não ir.

CLOTILDE

Jeferson, deixa ele ir. O Kenedy é um bom menino. Eu vou ficar mais segura se ele tiver junto com você.

JEFERSON

Tá bom, mãe. Vamo embora, quanto antes a gente for, mais cedo a gente volta.

Jeferson dá um beijo de despedida na mãe e vai em direção à porta. Kenedy o acompanha um pouco receoso.

cena 12 – externa – manhã – rua da zona sul de São Paulo

Jeferson anda pela rua com Kenedy alguns passos atrás. A rua está vazia. A câmera acompanha a caminhada dos dois. Eles passam ao lado de um carro verde que está estacionado na calçada e vão embora. A câmera segue com eles mais alguns passos e então retorna.

cena 13 – externa – manhã – rua da zona sul de São Paulo – flashback

A câmera retorna alguns passos e no lugar do carro verde está estacionado um carro preto. A rua está quase vazia, somente três meninos estão jogando bola nela. As casas estão parecidas com as das cenas anteriores, com exceção de

umas poucas que estão com uma pintura mais nova. Os meninos são Jeferson (11 anos), Washington e Kenedy (os dois com 10 anos). Brincam de trocar passes sem deixar a bola cair no chão. Enquanto jogam, conversam.

KENEDY

Quando você vai embora?

JEFERSON

Domingo de manhã.

WASHINGTON

(Rindo) Além de CDF, vai ser reco também.

(Manda uma bola com efeito para Jeferson)

JEFERSON

CDF o cacete. (Tenta devolver a bola, mas a deixa cair)

A bola vai em direção a Kenedy, que a pega e recomeça.

KENEDY

Vamos assistir ao jogo do Corinthians amanhã?

(Joga a bola para Washington)

WASHINGTON

(Mata no peito e faz algumas embaixadas enquanto fala) É, vamo pra porta do estádio e lá a

gente descola um jeito de entrar. (Joga a bola com efeito e bem alta para Jeferson)

JEFERSON

(Olhando para a bola) É, faz tempo que a gente não vai. (Ele consegue matar a bola e devolver para Washington)

WASHINGTON

(De novo ele domina a bola e fica fazendo embaixadas enquanto fala) Então amanhã nós vamo, só não pode o alfacinha dá pra trás que nem fez com a Ritinha ontem. (De novo joga para Jeferson muito alta e com ainda mais efeito)

32

JEFERSON

(Olhando para a bola) Não dei pra trás coisa nenhuma. Ela é que era muito feia.

Quando tenta dominar a bola, ela bate em seu pé, sobe e vai em direção ao carro preto estacionado. A bola cai com toda força no capô do carro, fazendo um grande barulho e amassando-o levemente. Os três aproximam-se do carro em pânico. Washington corre para pegar a bola, quando DOIS JOVENS aparecem de uma das

casas correndo com armas em punho. Os dois têm 18 anos e aproximam-se do carro com cara de poucos amigos. Os três permanecem parados com o olhar baixo. O mais forte, MÁRCIO, fala com eles.

MÁRCIO

Quem fez isso aqui?

Os três continuam olhando para o chão em silêncio. O outro, SÉRGIO, grita com os meninos.

SÉRGIO

Quem fez essa porra aqui?

Márcio pega a bola de Washington.

MÁRCIO

33

(Colocando a bola no chão e mirando nela) Se não falar quem foi, vou estourar essa porra agora.

WASHINGTON

(Olha para o irmão) Fui eu. Fui dar um passe e errei a dose.

MÁRCIO

Não pode ser. Você? O craque?

SÉRGIO

Você chutou no carro de propósito seu bostinha?

WASHINGTON

(Sem olhar para os dois marginais) Não! É que eu errei.

MÁRCIO

(Sorrindo) Acho que você fez de propósito, só pra me fuder.

JEFERSON

Não! Não foi ele não. Fui eu que errei o chute.

SÉRGIO

E por que não falou logo?

Jeferson olha para o chão em silêncio.

34

MÁRCIO

(Sorrindo) Tô ligado no que tá acontecendo. Você vai ser milico que nem seu Pai, né? (Passa a arma no rosto de Jeferson) Ficou com medo de eu fuder com sua viagem?

Washington e Jeferson se olham.

WASHINGTON

Ele não fez de propósito.

MÁRCIO

Claro que não. Mas se quiser viajar, vocês têm que pagar essa porra.

Sérgio examina o amassado, que é bem leve.

SÉRGIO

Como é que a gente faz?

Márcio olha para os três que permanecem olhando para o chão.

MÁRCIO

Eles vão pagar isso daí de algum jeito.

KENEDY

A gente não tem dinheiro.

WASHINGTON

Cala boca Kenedy.

MÁRCIO

Não interessa!

35

Márcio aproxima-se de Washington e com o cano do revólver levanta seu rosto.

MÁRCIO

Tô vendo que o nosso craque aqui é que é o inteligente. Olha pra mim os três (Os outros dois levantam os rostos). Vocês vão ter que levar pra mim uma encomenda lá do outro lado da ponte. Pra vocês não interessa o que é. Ela tem que tá lá até o final da tarde.

SÉRGIO

E se eles fuderem o esquema?

MÁRCIO

(Sorrindo) Eles não vão fuder comigo. Eles sabem que se essa mercadoria não chegar lá, eu vou atrás deles. Não sabem?

Os três acenam positivamente com a cabeça.

MÁRCIO

(Para Sérgio) Vai pegar o negócio pra eles levarem.

36 Sérgio entra na casa. Márcio tira do seu bolso um papel e entrega a Washington.

MÁRCIO

Esse é o endereço que vocês têm que levar. Vocês pegam o trem e é do lado da estação.

Washington pega o papel, olha e guarda.

WASHINGTON

A gente vai precisar de dinheiro pro trem e pro ônibus.

MÁRCIO

(Rindo) Você é muito folgado moleque.

WASHINGTON

A gente não tem dinheiro.

Márcio pega um dinheiro e dá à ele. Sérgio chega com o pacote. Entrega-o para Kenedy.

WASHINGTON

A gente quer dez reais e uma dessas nota de 1 dolar que você tem na carteira.

MÁRCIO

(Rindo e olhando para Sérgio) Esse moleque é muito cara de pau. (Aproxima a arma do rosto de Washington) Olha aqui moleque, se vocês fizerem tudo direitinho, talvez tenha alguma coisa pra vocês. Agora dá o fora daqui.

37

Os três saem correndo, enquanto Márcio e Sérgio ficam rindo.

cena 14 – externa – manhã – rua da zona sul de São Paulo – flashback

Washington, Kenedy e Jeferson estão próximos a um ponto de ônibus.

JEFERSON

A gente não pode levar esse negócio.

WASHINGTON

A gente não tem escolha. E se a gente levar, a gente ganha uma grana.

KENEDY

Fica frio, não vai ter sujeira não.

JEFERSON

Se o pai descobrir, a gente tá fudido.

WASHINGTON

Ele só vai saber se você contar.

Jeferson olha contrariado. Washington entrega a Kenedy o pacote para que ele esconda debaixo da camiseta. Um ônibus se aproxima. Jeferson olha para a rua.

JEFERSON

Vamos embora.

Os três saem correndo em direção ao ponto de ônibus. O ônibus vai parando no ponto.

cena 15 – externa – manhã – rua da zona sul de São Paulo

Kenedy vê um brinquedo em um camelô. O ônibus pára. Jeferson está do lado do ponto de ônibus.

JEFERSON

Porra Kenedy, vamo embora. Quero voltar logo.

Kenedy leva um susto e corre até o ônibus.

Cena 16 – interna – dia – ônibus

Jeferson e Kenedy entram no ônibus, que não está muito cheio. Jeferson vai até o COBRADOR, paga sua passagem e senta. Kenedy observa e se aproxima do cobrador.

KENEDY

Oi tio, será que eu posso passar por baixo da catraca?

39

O cobrador olha para ele com cara de poucos amigos.

KENEDY

Quebra essa vai?

O cobrador acena com a cabeça para que ele passe. Kenedy se agacha para passar por baixo da roleta. Jeferson o vê atravessando. Kenedy aproxima-se para sentar, mas Jeferson se levanta, vai até o cobrador e paga a passagem. Ao voltar para o banco, Kenedy lhe agradece.

KENEDY

Você não precisava ter feito isso, ele já tinha liberado.

JEFERSON

Eu quis pagar.

KENEDY

Obrigado aí.

JEFERSON

Troca de lugar.

Kenedy se levanta e deixa Jeferson se sentar na janela. O ônibus circula pelo bairro. Através da janela do ônibus pode-se ver a movimentação das pessoas, o movimento do comércio, um grupo de crianças batendo bola num campinho de terra, crianças de uniforme indo para a escola, etc. Jeferson está com a cabeça encostada no vidro observando o bairro. Seu olho está quase se fechando.

KENEDY

Legal esse seu uniforme.

Jeferson olha para ele e não diz nada.

KENEDY

E é bom, porque se tiver algum problema, eles não vão encher o saco.

JEFERSON

Que tipo de problema?

KENEDY

Sei lá. Vai que eles encanam com a gente, pelo menos com uniforme eles têm mais respeito.

Jeferson olha para fora.

KENEDY

Seu irmão não gostava de te ver de uniforme.

JEFERSON

(Demonstra interesse) Por que? Ele nunca falou nada.

KENEDY

41

Ele achava que não era pra você.

JEFERSON

Como se ele soubesse o que é pra mim. Não sabia nem pra ele.

KENEDY

Mas ele achava que não era pra você.

Jeferson balança o ombro com desdém.

JEFERSON

Depois desse ônibus, a gente pega o trem lá em Santo Amaro e já vai direto pra Francisco Morato?

KENEDY

Não. A gente precisa trocar de trem mais duas vezes. Mas eu sei um jeito de cortar caminho.

JEFERSON

(Nem olha para ele) Nada disso. A gente vai fazer o caminho certo.

KENEDY

Mas, a gente vai chegar mais rápido lá.

JEFERSON

(Vira-se para ele) Não enche. Não quero saber se esse jeito é melhor, ou mais rápido. Eu sei que tem um caminho certo que vai dar lá. Então acabou. Você quis vir, vai ter que fazer o que eu mandar.

KENEDY

(Batendo continência e rindo) Sim senhor, capitão.

JEFERSON

(Sério) Cala boca.

Cena 17 – externa – dia – ponto de ônibus

O ônibus em que os dois estão vem pela avenida. Através da janela pode-se ver a variedade de ocupações que existem ao lado da avenida. Desde ruas de terra e barracos até condomínios fechados, passando por estreitas ruas asfalta-

das. Num ponto, uma SENHORA GORDA com muitos pacotes faz sinal para o ônibus parar. Ela manda seu FILHO de 5 anos primeiro e depois entra equilibrando os pacotes.

Cena 18 – interna – dia – ônibus

O menino entra correndo e vai até a catraca. O ônibus não está cheio, mas mesmo assim ela tem dificuldade em passar com seus objetos por entre os bancos. Desde o momento em que entra no ônibus, ela grita ao falar com o filho.

MULHER

43

Duílio! Duílio, meu filho, cuidado pra não cair. Segura direito no banco.

Duílio se segura, mas passa rapidamente por baixo da roleta. Equilibra-se entre os bancos e nem dá atenção para os gritos da mãe. A mãe apóia os seus pacotes sobre a roleta e procura o dinheiro para entregar para o cobrador.

MULHER

Duílio! Segura direito no banco. Senta lá no fundo, lá. Tem lugar lá no fundo.

DUÍLIO

(Apontando ao lado de Jeferson e Kenedy) Aqui tem lugar mãe.

MULHER

(Nem olha para o filho, enquanto recolhe os pacotes) Não interessa. Vai lá pro fundo.

Duílio equilibra-se até chegar no final do ônibus e senta nos bancos. A mulher atravessa o corredor equilibrando os pacotes e a si mesma. Jeferson dá algumas olhadas, mas permanece indiferente a essa movimentação. Kenedy observa tudo isso com um sorriso no rosto quando um maço de cigarro cai em seu colo. Sem perceber a mulher deixa o seu maço cair sobre Kenedy. Depois de muito esforço, ela chega aos bancos e senta ao lado do filho. Kenedy se levanta e com o maço na mão aproxima-se da mulher e de Duílio.

KENEDY

A senhora derrubou isso aqui.

MULHER

(Desviando o olhar) Isso não é meu, não.

KENEDY

(Simpático) É sim, caiu no meu colo quando a senhora passou.

DUÍLIO

Você não tinha parado de fumar, mãe?

MULHER

(Nervosa) Já disse que não é meu, eu não fumo.

KENEDY

(Sem jeito) Tá bom, desculpa.

Jeferson olha para fora. Kenedy volta para seu lugar e põe o maço no bolso.

KENEDY

45

(Baixinho para Jeferson) Duílio? Puta nome escroto.

JEFERSON

O quê?

KENEDY

O nome desse menino. Puta nome feio.

Jeferson olha para trás, dá de ombros e volta a olhar pela janela.

KENEDY

Você sabe por que você chama Jeferson?

Jeferson olha para Kenedy e faz um movimento com os ombros de desinteresse.

KENEDY

Você já percebeu que nós três temos nome de presidente americano?

JEFERSON

(Vira-se para Kenedy) E daí?

KENEDY

Você não acha estranho?

JEFERSON

Não. Acho melhor do que se a gente tivesse nome de cantor ou de jogador de futebol.

KENEDY

É. (Fica em silêncio e depois abre um pequeno sorriso) Já pensou se a gente chamasse Zenon, Sócrates e Biro-Biro?

Jeferson faz uma cara de desaprovação.

JEFERSON

Fica quieto.

KENEDY

Sabe o que o Tucano me falou um dia. (Jeferson nem se mexe) Sabe por que a gente tem nome em inglês?

JEFERSON

Quem falou?

KENEDY

O Tucano, você não lembra dele? Um narigudo, que vivia puxando saco dos professores. (Jeferson não se lembra) Sempre falava muito, mas nunca fazia nada. (Jeferson não parece interessado) Bom, isso não interessa, um dia ele falou que a gente tem esses nomes porque os pais queriam que a gente fosse diferente.

JEFERSON

E o que que o nome tem a ver?

KENEDY

47

Tem a ver porque como nosso sobrenome é tudo igual, com um nome gringo a gente ia conseguir ser diferente.

JEFERSON

Isso é uma besteira. A gente tem esses nomes porque minha mãe e sua mãe devem ter visto numa revista e achado bonito.

Olha o seu nome e o do Washington, nome de presidente e daí. Um tá lá morto, e o outro é um traficantezinho de merda.

KENEDY

(Abaixa o olho) Porra Jeferson, fala baixo. Eu tô fora disso a um tempão já. Nem usar, não uso mais. Desde que a Sheila nasceu, eu parei. Jeferson fica em silêncio, constrangido com o fora que deu.

JEFERSON

Desculpa, eu não sabia.
Os dois ficam em silêncio sem se olhar por um tempo. O ônibus pára num ponto e muitas pessoas entram.

48

Cena 19 – externa – dia – centro de Santo Amaro
O ônibus passa por várias ruas do centro de Santo Amaro. A cidade já está bem barulhenta e cheia.

Cena 20 – externa – dia – centro de Santo Amaro
- flashback

Um ônibus pára num ponto movimentado. Jeferson e Washington descem do ônibus. Ao descer, Kenedy tropeça e esbarra numa MOÇA (por volta dos 30 anos). Ele deixa o pacote cair no chão enquanto a bolsa e alguns livros dela também caem. Eles se reconhecem enquanto

recolhem o que caiu. Ela acaba pegando o pacote na mão.

KENEDY

(Entrega os livros a ela) Foi mal aí dona Helena.

HELENA

O que você tá fazendo por aqui Kenedy?

KENEDY

Sabe o que é professora, é que a gente veio procurar umas coisas.

Ela entrega a ele o pacote, só então percebe que Washington e Jeferson estão juntos com Kenedy.

49

HELENA

Tinha que ser, vocês três tão sempre juntos.

JEFERSON

Tudo bem dona Helena?

WASHINGTON

Tudo bem professora?

HELENA

O que vocês tão procurando?

JEFERSON

Não é nada não, é que a gente veio ver se acha uma bola nova pra gente jogar.

WASHINGTON

(Apressado) É vamo logo procura essa bola.

HELENA

Sempre o mais apressado.

KENEDY

(Entrega a bolsa a ela) A gente precisa ir.

HELENA

Eu também tou atrasada.

Os três meninos começam a andar.

OS TRÊS

Tchau professora!

HELENA

Tchau, se cuidem!

Helena sai para o lado oposto ao dos meninos.
Eles aproximam-se de uma barraca de cachorro-quente.

KENEDY

Será que ela desconfiou?

WASHINGTON

Acho que não. Mas a dona Helena é limpeza.

KENEDY

É, eu aprendi pra caramba com ela.

JEFERSON

(Nervoso) Acho que isso vai dar merda.

WASHINGTON

Deixa de ser cagão. Vai dar certo.

JEFERSON

E se ela falar com o pai?

WASHINGTON

Ela não vai falar nada, ela gosta da gente.

KENEDY

É, relaxa cara.

Ao chegar na barraca, Kenedy pára.

KENEDY

51

Caras, eu tô com fome.

WASHINGTON

Eu também

JEFERSON

A gente tá sem grana.

WASHINGTON

Tem a grana do Márcio.

KENEDY

Faz a conta aí, vê se dá pra alguma coisa.

Washington entrega o dinheiro a Jeferson que

o conta e começa a somar com a ajuda dos dedos. Os outros dois olham para as opções de sanduíches.

WASHINGTON

E aí, vai dar?

JEFERSON

(Ainda contando nos dedos) Calma, tô fazendo a conta ainda.

KENEDY

Anda logo, eu tô com fome.

JEFERSON

Só dá pra comprar um cachorro quente.

52

WASHINGTON

Tá bom.

KENEDY

A gente divide e cada um come um pedaço. O três começam a olhar nas opções que estão sobre o carrinho.

WASHINGTON

Eu quero purê.

JEFERSON

Eu quero milho.

KENEDY

Eu quero batata frita.

O vendedor vai montando o cachorro-quente de acordo com as instruções.

WASHINGTON

Capricha aí tio!

O cachorro-quente fica enorme. Jeferson entrega o dinheiro com satisfação. Kenedy pega o sanduíche e dá a primeira mordida. Sua boca mal consegue se fechar. Os três comem com alegria e satisfação. As pessoas passam nas calçadas indiferentes a eles. Um ônibus passa. Um pastor prega para um pequeno grupo de ouvintes.

53

Cena 21 – interna – dia – ônibus

Num ônibus bem cheio, Jeferson e Kenedy estão sentados em silêncio. Quando o ônibus pára em um sinal, pode-se ouvir bem alto um pastor evangélico pregando sobre os poderes de Jesus.

KENEDY

(Prestando atenção ao pastor) Glória a Jesus!
Jeferson se vira para Kenedy espantado.

JEFERSON

Glória a Jesus? Virou crente?

KENEDY

Não! Mas como a Lucinha é, acabo ouvindo também.

JEFERSON

Pra mim é tudo uma enganação.

KENEDY

Seu irmão também achava. Ele dizia que só servia pra arrancar dinheiro de pobre.

Jeferson olha surpreso pra ele. Kenedy olha a intensa movimentação da cidade.

KENEDY

54

Você lembra quando a gente vinha aqui pra matar aula? Era muito bom. A gente ficava ouvindo os discos nas barracas. Depois a gente sempre descolava alguma coisa pra comer... Puta, a gente rodava por esse centro todo. Era muito bom. Acho que foi a melhor época da minha vida.

Jeferson olha para Kenedy, mas não demonstra entusiasmo. O ônibus pára no seu ponto final e todos começam a desembarcar.

KENEDY

(Rindo e batendo continência) Pra onde a gente vai agora capitão?

Cena 22 – interna – dia – terminal Santo Amaro

Um mapa das linha ferroviárias. Jeferson observa qual o melhor caminho.

JEFERSON

Pelo mapa, a gente vai até a Presidente Altino, pega outro trem, vai pra Lapa e de lá pega o trem que vai pra Francisco Morato.

KENEDY

Na Lapa não dá pra pegar o outro trem, tem que ir pra Barra Funda.

JEFERSON

Tá aqui no mapa, Kenedy, você não sabe ler.

55

Os dois se encaminham até a bilheteria.

KENEDY

Já fiz esse caminho uma vez e acho que não dá na Lapa.

JEFERSON

Entre o que você acha e o que tá escrito aqui, prefiro o mapa. A gente vai fazer o caminho que tá aqui.

Jeferson compra os bilhetes. Eles passam pela catraca e seguem até a plataforma. O trem apro-

xima-se e as pessoas se amontoam nas portas dos vagões para entrar.

Cena 23 – interna – dia – trem – flashback

O vagão não está muito cheio, mas algumas pessoas ficam de pé. Jeferson, Washington e Kenedy crianças estão sentados enquanto uma SENHORA (70 anos) está de pé em frente deles.

JEFERSON

(Para Washington) Levanta aí, deixa a dona sentar.

WASHINGTON

Eu não. Levanta você. Por que você não dá seu lugar pra ela.

JEFERSON

(Para Kenedy) Levanta aí.

WASHINGTON

Não levanta não. Ele que teve a idéia que levanta.

JEFERSON

Cala boca Washington.

Jeferson se levanta e dá seu lugar para a senhora, que senta ao lado de Washington e Kenedy. Jeferson olha para os dois. Washington também se levanta e fica ao lado de Jeferson.

WASHINGTON

(Irônico) Pode sentar lá, você é mais velho.

JEFERSON

(Irônico) Não. Fica lá. Quem gosta de sentar aqui é você.

WASHINGTON

(Sorrindo) Mas quem escolheu morar com um monte de homem foi você.

JEFERSON

Bem que você queria também.



WASHINGTON

É, eu adoro ter um macho na minha orelha mandando em mim.

JEFERSON

Mas do Márcio você gostou.

WASHINGTON

Ele não manda em mim. É a grana.

Enquanto eles conversam, um RAPAZ (13 anos) ouvindo walkman senta no lugar deles. Washington percebe a ação do rapaz.

WASHINGTON

58 (Para Jeferson) Olha a folga do moleque.

JEFERSON

(Olha para o rapaz) Puta cara de pau.

O rapaz continua sentado como se não fosse com ele.

WASHINGTON

Além de roubar nosso lugar, finge que a gente não existe.

JEFERSON

(Para o rapaz) Sai daí, esse lugar é do meu irmão. O rapaz não se mexe.

WASHINGTON

Levanta daí pra ele sentar.

RAPAZ

(Olhando para eles) Não tinha ninguém sentado aqui.

WASHINGTON

Mas é o nosso lugar, sai daí.

RAPAZ

Não. (Baixa o rosto)

Washington se aproxima de Jeferson.

WASHINGTON

Vai sair, ou não vai?

RAPAZ

Vai procurar sua turma.

Jeferson arranca o fone do ouvido do rapaz. Ele levanta agressivo (é um pouco maior que os dois meninos). Jeferson olha firme para ele. O rapaz faz uma menção de partir pra cima de Jeferson quando Kenedy também se levanta, os três o encaram. O rapaz olha para os três à sua frente e resolve desistir do lugar. Sai em direção a outro vagão. Os três se cumprimentam e riem.

KENEDY

Você viu a cara do bundão?

WASHINGTON

Daquele tamanho e saiu correndo.

Jeferson senta no banco ao lado da senhora.

Washington é mais rápido que Kenedy e senta-se também. Kenedy fica de pé com a cara fechada, enquanto os dois sorriem. Um

SEGURANÇA do trem entra no vagão e vai até um menino que está sentado no início do carro. Os três

observam. Deixa o menino e observa o vagão. Aproxima-se dos três. Eles ficam apreensivos.

60

SEGURANÇA

Aonde vocês deixaram os pacotes?

WASHINGTON

Que pacotes?

SEGURANÇA

Os pacotes de bolacha?

WASHINGTON

Que bolacha?

SEGURANÇA

Tem uma senhora no outro vagão que disse que vocês pegaram o dinheiro dela e não deram a bolacha dela.

KENEDY

A gente não tá vendendo bolacha.

SEGURANÇA

Eu sei que são vocês.

Os três se olham.

SENHORA

Não são eles seu guarda.

SEGURANÇA

Como a senhora sabe?

SENHORA

Eles tavam aqui dentro e não tinha nada com eles.

61

SEGURANÇA

(Olhando para os três) Se a senhora tá dizendo, vou acreditar.

A senhora faz que sim com a cabeça. O segurança então vai para o vagão seguinte. Os três olham aliviados entre si.

WASHINGTON

(Para a senhora) Obrigado.

Os três se levantam e ficam de pé próximos a porta, esperando a parada do trem. Assim que o trem pára, eles saem correndo pela plata-

forma. Outros passageiros entram e saem do vagão.



Cena 26 – interna – dia – trem

Assim que os passageiros terminam de entrar, Jeferson e Kenedy estão sentados. Jeferson olha a marginal do Rio Pinheiros. De um lado, o Rio Pinheiros bem poluído e do outro a cidade. Uma MOÇA (18 anos) que está num banco ao lado observa discretamente Jeferson. Ela é loira, e

apesar de vestida de maneira simples, usa uma camiseta de “marca”. Jeferson não percebe o olhar da moça.

KENEDY

(Falando baixo) Acho que aquela moça tá dando mole pra você.

JEFERSON

(Vira-se para ele) O quê?

KENEDY

(Falando baixo) Acho que aquela moça tá dando mole pra você.

JEFERSON

(Olha em direção a moça) Deixa de ser ridículo. Olha o jeito dela.

63

KENEDY

Tô falando. Ela tava olhando pra você.

JEFERSON

Você tá enxergando as coisas.

A moça olha para Jeferson. Dessa vez ele percebe e vira o rosto.

KENEDY

Não falei!

JEFERSON

Cala boca Kenedy!



KENEDY

Vai lá, fala com ela.

JEFERSON

Eu não, não tem nada a ver.

KENEDY

Vai lá fala com ela.

JEFERSON

Não!

Jeferson fica em silêncio e olha para a moça. Ela olha para ele e abre um pequeno sorriso. Ele desvia o olhar.



KENEDY

Olha isso. Cara se você não for, eu vou lá.

JEFERSON

Fica sentado aí. Você não vai lá não.

KENEDY

Então vai lá.

JEFERSON

Não! Já disse que não tem nada a ver. (Silêncio)

Não tem nada pra eu falar pra ela.

KENEDY

Só conversar cara.

JEFERSON

Não. É muito estranho.

Jeferson olha para a moça. Ela se levanta e vai em direção a porta.

KENEDY

A lá, ela vai descer. Vai lá pega o telefone dela.

JEFERSON

Deixa de ser ridículo.

66

O trem pára e a porta se abre. Os dois observam a movimentação da moça. Os passageiros começam a sair do trem. Ela acompanha o fluxo. Jeferson olha fixo na direção dela. Um pouco antes de sair do vagão, ela se vira e dá um sorriso para ele. Jeferson sorri sem graça. Ela sai. Jeferson acompanha com o olhar a moça. A porta se fecha.

KENEDY

(Sorrindo) Cara, ela queria muito dar pra você.

JEFERSON

(Voltando o rosto para ele) Fica quieto Kenedy, não quero mais ouvir sua voz.

O trem deixa a estação.

Cena 27 – externa – dia – linha do trem

O trem segue pela marginal. Intercalado a esses planos do trem, planos feitos a partir da janela mostram o restante desse trajeto.

Cena 28 – externa – dia – estação presidente altino

Poucos passageiros aguardam o trem na plataforma. O trem aproxima-se e pára. Descem alguns passageiros entre eles, Jeferson e Kenedy. Eles seguem o fluxo dos passageiros. Todos seguem apressados pelas escadas para pegar o trem na outra plataforma. Jeferson e Kenedy ficam de pé na plataforma. Jeferson observa um mapa com as várias linhas de trem.

67

JEFERSON

(Para Kenedy) Eu te falei, a gente não precisa ir até a Barra Funda. A gente desce na Lapa e já pega o trem que vai pra Francisco Morato.

KENEDY

A gente tem que ir até a Barra Funda.

JEFERSON

(Mostrando) Tá escrito aqui no mapa.

KENEDY

Você que sabe.

O trem se aproxima da plataforma. Placa da estação Presidente Altino. O trem parte.

cena 29 – externa – dia – trilhos

Os trilhos do trem. Uma paisagem com vários trens desativados.

Cena 30 – externa – dia – estação Lapa

68

Poucas pessoas aguardam na plataforma. O trem aproxima-se e pára. Pouquíssimas pessoas descem na estação. Jeferson e Kenedy andam na plataforma. O trem parte. Sem ter um fluxo para acompanhar, eles perguntam para um SENHOR que está na plataforma.

JEFERSON

Por favor, o senhor sabe aonde a gente pega o trem pra Francisco Morato?

SENHOR

Aqui mesmo. Esse trem que saiu vai pra lá.

JEFERSON

Não. Esse trem tá indo pra Júlio Prestes.

SENHOR

Não. Você tem que pegar ele, ir até a Barra Funda e de lá pegar o outro trem.

JEFERSON

Mas ele não passa aqui?

SENHOR

Passa.

JEFERSON

E como a gente faz pra pegar ele aqui.

SENHOR

Não dá. Só na Barra Funda.

KENEDY

Falei pra você.

69

JEFERSON

Mas não pode ser, no mapa...

KENEDY

Agora a gente vai ter que ficar esperando o trem passar de novo.

JEFERSON

Mas no mapa parece que dá.

KENEDY

Agora a gente vai demorar mais ainda pra chegar lá.

O senhor vai embora.

JEFERSON

Não enche o saco, Kenedy.

Jeferson vai até um mapa da linha de trem. Kenedy fica na plataforma e acende um cigarro. Do lado de fora da estação podem-se ver várias barracas de ambulantes. Jeferson volta e fica próximo de Kenedy. Os dois ficam em silêncio por um tempo.

KENEDY

Como que tá a escola?

JEFERSON

(Sem olhar) Tá acabando.

KENEDY

E o que você vai fazer agora?

JEFERSON

Vou pra academia.

KENEDY

Você sempre gostou de estudar.

JEFERSON

Eu tinha que ser.

KENEDY

É muito difícil lá?

JEFERSON

É. Mas é mais fácil que aqui.

KENEDY

Eu queria sair daqui.

Jeferson olha para ele em silêncio. Kenedy fuma seu cigarro com calma. Bem ao fundo pode-se ver a aproximação do trem.

Cena 31 – externa – dia – estação de trem – flashback

O trem chega e de dentro dele saem Jeferson, Washington e Kenedy crianças. Os três desembarcam dançando e cantando. Passam desse jeito pela plataforma e sobem uma escada.

71

Cena 32 – externa – dia – estação Barra Funda

Várias pessoas sobem por uma escada rolante, entre elas, Jeferson e Kenedy. Durante a subida, observam as placas. Após encontrarem a placa que indica Francisco Morato, descem as escadas e vão para plataforma correta. Muita gente aguarda o trem. A movimentação nas várias plataformas da estação é bem grande. O trem chega e todos entram.

Cena 33 – interna – dia – trem

Jeferson e Kenedy entram rápido no trem e sentam. Algumas pessoas ficam de pé. Duas moças conversam perto da porta. Um casal conversa abraçado. Uma senhora faz tricô. Jeferson observa a paisagem através da janela.

KENEDY

Você já veio pra esses lados?

JEFERSON

Não.

KENEDY

Eu vim uma vez com seu irmão.

JEFERSON

Foram entregar alguma coisa?

KENEDY

Não. Tinha uma menina que seu irmão queria catar que morava pra esses lados.

JEFERSON

Ele catou?

KENEDY

Não. Ela deu um balão nele naquele dia. Os dois ficam em silêncio alguns segundos.

KENEDY

Mas seu irmão catava muita mulher.

JEFERSON

Desde pequeno ele sempre conseguia cata elas.

KENEDY

Eu lembro que no dia que a gente saiu da Febem, a primeira coisa que ele fez foi ir na casa da Marluce. E catou ela.

Jeferson desvia seu olhar para a janela. A paisagem já é bem diferente agora. O trem parece cortar uma zona rural. O trem pára na estação Jaraguá, aonde algumas pessoas descem. Ninguém entra no trem. O sol já está bem forte nesse momento.



Cena 34 – externa – dia – linha do trem

O trem passa por pequenas vilas e áreas verdes totalmente descuidadas.

Cena 35 – interna – dia – trem

O trem já está um pouco mais vazio. Jeferson demonstra um pouco de sono.

KENEDY

Como será que tá o corpo?

Jeferson nem olha para ele.

KENEDY

74 Isso não podia acontecer com ele. Faz tempo que ele queria sair.

JEFERSON

(Irritado) Queria nada. Ele gostava dessa vida.

KENEDY

Gostava não.

JEFERSON

Claro que gostava. Desde pequeno preferia andar com os bandidos.

KENEDY

Ele não era assim não. Ele só entrou de cabeça depois que seu pai entregou a gente pra Febem.

JEFERSON

Mentira! Meu pai pegou vocês trabalhando pro Márcio, por isso mandou vocês pra lá.

KENEDY

Mas a gente não trabalhava pra ele. A gente só ia fazer mais aquela entrega. (Silêncio) A gente precisava do dinheiro pra ir fazer o teste no Corinthians.

JEFERSON

Não inventa!

KENEDY

(Silêncio) Seu pai não podia ter feito aquilo com a gente.

75

JEFERSON

(Baixa o olhar) Ele fez o que tinha que fazer. Imagina o filho de um cabo do exército, trabalhando prum traficante.

KENEDY

Aquele lugar quase acabou com a gente. Jeferson fica em silêncio.

JEFERSON

Mas depois ele tirou vocês de lá.

KENEDY

A gente saiu de lá com treze anos.

JEFERSON

E mesmo assim, vocês não mudaram. Saíram e ficaram na mesma.

KENEDY

(Silêncio) A gente mudou.

Jeferson desvia seu olhar para a janela. O trem começa a parar.

Cena 36 – interna – dia – delegacia de Francisco Morato

JEFERSON

76 Washington de Souza.

POLICIAL

(Olha para os dois) Vocês vão ter que falar com o delegado. Senta aí que daqui a pouco ele chama vocês.

O policial vai até o DELEGADO, lhe diz algo e sai. Jeferson e Kenedy sentam nos bancos e aguardam. Uma SENHORA nos seus 50 anos está sentada num dos bancos ao lado da FILHA.

SENHORA

Você tá fazendo tiro-de-guerra?

JEFERSON

Não. Eu faço colégio militar.

SENHORA

(Impressionada) Você deve ser muito inteligente. (Silêncio) Pena que os meus não quiseram estudar. Tudo vagabundo.

FILHA

Pára mãe.

SENHORA

Mas eram tudo vagabundo.

FILHA

Pára.

SENHORA

(Apontando para Kenedy) E o seu irmão, estuda lá também?

Antes que Jeferson fale algo, o delegado os chama.

DELEGADO

Vocês dois, venham aqui.

Eles se levantam e vão até a mesa do delegado.

DELEGADO

Vocês vieram atrás do corpo do ... (Lê um papel) Washington de Souza?

JEFERSON

Isso. A gente veio identificar pra poder liberá-lo.

DELEGADO

Só que vocês vieram pro lugar errado. Pra liberar o corpo só lá no IML.

JEFERSON

Mas então por que mandaram a gente vir aqui?

DELEGADO

A gente não mandou. O corpo apareceu aqui. Mas pra fazer o reconhecimento é só lá no IML, lá do lado do Hospital das Clínicas.

JEFERSON

78

Hospital das Clínicas. Outra viagem.

Os dois saem da delegacia.

Cena 37 – externa – dia – frente delegacia de Francisco Morato

Jeferson e Kenedy saem da delegacia e se dirigem à estação de trem. Um RAPAZ observa de longe a saída dos dois. Ele começa a seguir os dois de longe.

Cena 38 – externa – dia – frente da estação de Francisco Morato

Jeferson e Kenedy param num bar próximo da estação de trem. Chegam no balcão.

JEFERSON

Vê um pingado e uma coxinha. Você quer comer? Kenedy está encostado no balcão olhando para fora. Procura algo.

KENEDY

(Ainda olhando) Vê uma coxinha.

JEFERSON

O que foi?

KENEDY

Acho que tem um cara seguindo a gente.

JEFERSON

Por que que alguém ia seguir a gente?

KENEDY

Não sei. Mas acho que tem um carinha atrás de nós.

Jeferson pega a coxinha e começa a comer. Kenedy se vira e começa a comer também. O rapaz da cena anterior observa escondido os dois.

Cena 39 – externa – dia – casa aonde o pacote deve ser entregue - flashback

Um grande rottweiler late no portão de uma casa simples. Jeferson, Washington e Kenedy crianças estão do lado de fora do portão.

Cena 40 – interna – dia – trem

Da janela do trem pode se ver a precariedade da região. Jeferson e Kenedy estão sentados dentro do trem, que não está muito cheio. Um MENINO (10 anos) que vende biscoitos de polvilho pára ao lado dos dois para descansar um pouco.

80

JEFERSON

Quanto é?

MENINO

Um real.

JEFERSON

Tá muito caro.

MENINO

Posso fazer dois por um e cinqüenta.

JEFERSON

Não, tá muito caro.

MENINO

Você é milico, ganha bem. Colabora aí.

Kenedy ri, mas Jeferson fica sério.

KENEDY

(Sorrindo) Ajuda o moleque aí.

JEFERSON

Ajuda você.

O menino pega o saco de biscoito e vai em direção ao lado oposto do vagão.

JEFERSON

Cuidado que os seguranças tavam te procurando.

MENINO

Pode deixar. Eu sei lidar com essa gente.

81

O menino agradece com a cabeça e continua suas vendas.

KENEDY

Daqui a pouco esse moleque vai tá na Febem.

JEFERSON

Como você fala bosta Kenedy.

KENEDY

Tô falando cara. Vi um monte de moleque des-ses por lá.

JEFERSON

Cala boca Kenedy, você só abre a boca pra falar besteira.

O trem chega a uma nova estação. Vários passageiros entram. Enquanto o menino sai pela porta, o rapaz que segue Jeferson e Kenedy entra. Ele senta no lado oposto a eles.

KENEDY

(Disfarçando) O cara que eu te falei, ele acabou de entrar no trem.

JEFERSON

82 (Não presta atenção) Deixa de ser paranóico.

KENEDY

(Disfarçando) Tô falando. Desde que a gente saiu de Francisco Morato, esse cara tá por perto.

JEFERSON

Que cara?

KENEDY

(Disfarçando) Um cara um pouco mais velho que a gente. Tá com uma jaqueta jeans. Ele tá ali, do outro lado.

Jeferson olha discretamente na direção que o rapaz está.

JEFERSON

Acho que eu já vi ele mesmo.

KENEDY

Tô falando.

JEFERSON

Você conhece ele?

KENEDY

Talvez com seu irmão.

JEFERSON

Que será que ele quer?

KENEDY

Não sei, mas acho melhor a gente ficar ligado.

83

Jeferson fica em silêncio.

JEFERSON

(Olhando fixo para Kenedy) Será que foi esse cara que apagou o Washington?

KENEDY

Não. Esse cara não ia conseguir apagar seu irmão.

JEFERSON

Como você sabe?

KENEDY

Eu conhecia bem seu irmão.

JEFERSON

Mas isso é muito estranho.

Kenedy olha para ele em silêncio. Jeferson dá mais uma olhada para o homem que os segue.

JEFERSON

Então o que que esse cara quer?

KENEDY

Não deve ser coisa boa.

JEFERSON

A gente precisa tirar isso a limpo. Será que ele sabe quem eu sou?

84

KENEDY

Acho que não. Acho que ele tá esperando pra falar comigo.

JEFERSON

E se não for pra falar com você?

KENEDY

Fica frio, tô limpo. Não pode ter nada pra mim nessa.

JEFERSON

O que que esse cara quer?

Jeferson faz menção de levantar.

JEFERSON

Vou lá falar com ele.

Kenedy segura-o.

KENEDY

Não! Pra que você vai fazer isso.

JEFERSON

Quero saber o que aconteceu com meu irmão.

KENEDY

Ele não vai responder isso pra você. Acho que ele também não sabe.

JEFERSON

Ele deve saber. Por isso que tá atrás da gente.

KENEDY

Eu acho que não. Ele pode tá atrás de mim pra saber o que aconteceu com o Washington.

JEFERSON

O que que a gente faz?

KENEDY

Vamo esperar chegar na estação. (Silêncio) Quer-
ria que seu irmão tivesse aqui. Ele ia saber o que
fazer. (Silêncio) Ele sempre tinha uma idéia que
resolvia as coisas.

JEFERSON

Tô vendo, por isso que dançou.

KENEDY

Putá como você é cabeça dura. Você se acha tão esperto, mas não consegue ver um palmo na sua frente.

JEFERSON

Vai se fuder Kenedy. Meu irmão era um bandido. Ele quis ser bandido. E agora eu tô aqui tendo que ir atrás do corpo dele.

KENEDY

Você nunca esqueceu né?

JEFERSON

Esqueceu o quê?

KENEDY

Seu irmão sempre se arrependeu. Ele gostava muito de você.

Jeferson observa o rapaz do outro lado do vagão.

JEFERSON

Como a gente faz com esse cara? Pensou em alguma coisa?

KENEDY

Quando a gente chegar na Luz, a gente dá um jeito.

JEFERSON

Quero saber o que ele quer.

KENEDY

Na estação a gente vê o que faz.

O trem pára. As pessoas começam a sair. Jeferson e Kenedy levantam-se e saem. Olham para trás e percebem que o rapaz continua atrás deles.

Cena 41 – externa – dia – frente da estação de Jurubatuba – flashback

Jeferson, Washington e Kenedy andam em direção à estação de trem.

87

KENEDY

(Gabando) Viu como era fácil. Foi só chegar e entregar.

WASHINGTON

Foi só falar que o Márcio mandou e tava tudo resolvido. (Para Jeferson) E você tava morrendo de medo de vir aqui.

JEFERSON

Eu não tava com medo.

WASHINGTON

(Rindo) Tava se cagando de medo.

KENEDY

(Rindo) É, além de CDF é cagão.

JEFERSON

Cala boca!

WASHINGTON e KENEDY

O Jeferson é cagão! O Jeferson é cagão!

JEFERSON

(Gritando) Cala boca!!

WASHINGTON

(Pára e olha a cerca) Vamo ver se você é cagão ou não? O que você acha da gente passar aqui e entrar no trem sem pagar.



JEFERSON

Não dá pra entrar por aí.

WASHINGTON

Dá sim. Se a gente pular aqui, a gente pode guardar a grana pra comer mais alguma coisa.

Jeferson e Kenedy olham para a cerca.

WASHINGTON

E aí, vão dar pra trás?

JEFERSON

Vamo entrar.

Os três pulam a cerca e começam a andar em direção à plataforma, que está bem distante.

JEFERSON

Pera aí que vou aproveitar pra mijar aqui.

WASHINGTON

Não vou esperar não.

Washington e Kenedy continuam a caminhar enquanto Jeferson vai até uma moita para fazer xixi. Jeferson faz xixi com calma. De onde está, não consegue ver os outros dois. Assim que termina, vira-se para procurar o irmão e o amigo. Não os vê. Corre na direção em que foram. Assim que percorre um trecho, vê um SEGURANÇA segurando Washington e Kenedy.

Ele os leva em direção aos trilhos num ponto mais afastado da plataforma. Ele corre em direção aos três. Quando ele está se aproximando do grupo, o segurança se vira para ver quem está vindo. Nesse momento, Washington se solta. Segurando Kenedy com uma mão e tentando alcançar Washington com a outra, ele não consegue evitar o empurrão que Jeferson lhe dá. Os três caem no chão. Rapidamente Washington aproxima-se do segurança e chuta-o no estômago. Kenedy e Jeferson pulam cada um num braço do segurança, tentando imobilizá-lo. Washington aproveita para tirar a arma da cintura do segurança. Num movimento ele consegue empurrar Jeferson e Kenedy para o lado. No que ele tenta se levantar, Washington atira em seu peito. Ele cai com sangue saindo do peito.

JEFERSON

Putaquepariu!

KENEDY

Putamerda! Oquequevocêfez?

WASHINGTON

(Gritando) Cala boca os dois! Vamo embora, vamo pra plataforma. (Olha em volta) Anda,

vamos antes que alguém veja a gente por aqui. Os dois obedecem e de forma automática o seguem em direção à plataforma. O corpo permanece no chão. Não existe ninguém por perto. Os três meninos aproximam-se da plataforma. O corpo está bem distante da plataforma.

Cena 42 – interna – dia – trem - flashback

Os três estão na plataforma e assim que o trem chega, eles entram. Através da janela pode se ver a marginal do Rio Pinheiros e um outro trem que passa.



Cena 43 – interna – tarde – Estação da Luz

Jeferson e Kenedy saem da plataforma seguidos a distância pelo rapaz. Andam pela tortuosa estação na tentativa de despistá-lo. Depois de algumas tentativas, eles se separam. Com cada um seguindo uma direção diferente, o rapaz começa a seguir Kenedy. Ele tenta sozinho despistar o rapaz, mas não consegue. Jeferson desaparece na estação. Kenedy se dirige ao banheiro da estação, um pouco depois o rapaz entra também. A sequência não pode ser muito rápida nem clipada. Ele deve ter um ritmo que dê a sensação de perseguição, mas não de correria.

92

Cena 44 – interna – tarde – banheiro da Estação da Luz

Kenedy entra no banheiro e fica num ponto bem visível para quem entra nele. O rapaz abre a porta com cuidado, mas ao ver Kenedy distante da porta, entra sem receio. Assim que ele fecha a porta, Jeferson surge detrás dela e pula sobre o rapaz derrubando-o no chão. Kenedy corre até os dois e dá um chute no estômago do rapaz. No chão mesmo, Jeferson imobiliza-o por

trás. Enquanto o levanta, Kenedy revista encontrando um revólver. Aponta para ele e manda que se levante.

JAQUELINE

Abaixa essa arma, Kenedy.

Kenedy e Jeferson se viram para ela.

KENEDY

O que você tá fazendo aqui?

JAQUELINE

Por favor Kenedy, abaixa essa arma.

Jeferson não entende o que está acontecendo.

KENEDY

93

(Aponta para o rapaz) Você conhece esse cara?

JEFERSON

(Gritando) Porra o que que tá acontecendo aqui? Quem que é essa mulher, Kenedy? Por que você tá falando com ela?

JAQUELINE

Eu sou...

JEFERSON

(Gritando) Cala boca! Não falei com você.

KENEDY

Calma aí Jeferson.

JEFERSON

Calma aí o caralho! Primeiro esse puto segue a gente. Aí aparece essa vaca que sabe seu nome, que tá acontecendo?

KENEDY

Calma cara! Essa daqui é a Jackie, ela era namorada do Washington.

O rosto de Jeferson muda.

JAQUELINE

(Nervosa) E esse daqui é o Devanílson, meu irmão.

94

KENEDY

Porra Jackie, por que seu irmão tá seguindo a gente?

JAQUELINE

Fui eu que pedi.

JEFERSON

O que você quer?

JAQUELINE

Eu queria saber o que aconteceu com o Washington.

JEFERSON

Ele morreu! Era isso que você queria saber?

KENEDY

Pega leve, Jeferson.

Jaqueline se vira e seus olhos se enchem de lágrimas.

JEFERSON

Putá que pariu. Só faltava essa agora.

KENEDY

Dá um tempo Jeferson.

Jeferson sai do banheiro irritado. Devanílson vai até a pia e lava seu rosto. Kenedy aproxima-se de Jaqueline.

KENEDY

95

Fica calma.

JAQUELINE

É verdade então? Quando o Márcio me contou achei que era sacanagem.

KENEDY

O que que seu primo tem a ver com isso?

JAQUELINE

Não tem nada. Mas se apagam um homem dele, ele fica sabendo, né.

KENEDY

E por que vocês tavam seguindo a gente?

JAQUELINE

Tem uma coisa pra você lá em casa. O Washington mandou te entregar caso acontecesse alguma coisa com ele.

KENEDY

E o que é?

JAQUELINE

Não sei. Você precisa ir lá em casa pra pegar. Kenedy guarda a arma e abre a porta para Jaqueline. Ele e Devanílson saem em seguida.

96

Cena 45 – interna – tarde – kitchenette de jaqueline

Jeferson está na janela do apartamento. Kenedy e Jaqueline estão ao lado de uma cômoda. Devanílson está sentado no chão, próximo à porta.

JEFERSON

(Para Kenedy) Anda logo com essa porra. A gente já tá muito atrasado.

KENEDY

Já vamos.

JAQUELINE

Só sabe mandar, parece o Washington.



Jaqueline tira de uma das gavetas da cômoda uma caixa de sapatos, embrulhada em papel pardo.

JAQUELINE

Ele disse que isso tinha que ficar com você.

KENEDY

(Segurando a caixa) É leve.

JAQUELINE

Fazia uma semana que eu não via ele. Ele falou pra eu deixar a mala pronta pra gente ir viajar.

KENEDY

Pra onde vocês iam?

JAQUELINE

Ele não falou. Só falou que queria descansar um pouco. Ia desocupar e devolver aqui pro Márcio e descansar um pouco.

Jeferson se aproxima dos dois.

JEFERSON

Já pegou a encomenda?

KENEDY

Já.

JEFERSON

Então vamo embora.

98

Jeferson se despede de Jaqueline com um aceno e vai para porta. Kenedy abraça Jaqueline.

KENEDY

Depois eu te aviso aonde vai ser o enterro.

JAQUELINE

(Com lágrimas nos olhos) Tá bom.

Devanílson está na porta.

KENEDY

Desculpa o chute.

Kenedy sai.

Cena 46 – externa – tarde – estação de metrô da Luz

Jeferson e Kenedy aguardam o trem do metrô chegar. Kenedy segura a caixa que Jaqueline lhe deu.

KENEDY

Seu irmão gostava dela.

JEFERSON

Eu não entendo é porque que ela gostava dele.

KENEDY

Porque ele era um cara legal. (Silêncio) Aliás você podia tentar também de vez em quando. Jeferson olha em silêncio para Kenedy.

99

JEFERSON

Pra fazer o que eu faço, eu tenho que ser sério.

KENEDY

Você era CDF mas era legal. O exército está te deixando... meio besta.

JEFERSON

(Baixo) O terrível da vida é que todos têm razão.

Jeferson e Kenedy ficam em silêncio e observam a chegada do trem. Eles entram no vagão que em seguida parte.

Cena 47 – interna – tarde – trem – flashback

Jeferson, Washington e Kenedy crianças estão sentados dentro do trem. Estão um do lado do outro em completo silêncio.

Cena 48 – interna – tarde – IML

Jeferson e Kenedy estão de pé em silêncio em frente a um balcão.

GUARDA (off)

Pois não?

JEFERSON

Boa tarde. Eu vim fazer o reconhecimento do corpo do meu irmão.

GUARDA

(Sem olhar para ele) Como é o nome dele?

JEFERSON

Washington de Souza.

GUARDA

O que aconteceu com ele?

JEFERSON

Parece que foram dois tiros no peito e um no rosto.

GUARDA

Já sei, foi o que veio da Francisco Morato. Tá

bem arregaçado. Só alguém da família pra reconhecer ele mesmo.

JEFERSON

Posso ver?

GUARDA

(Entrega a ele alguns papéis) Preenche isso aqui antes. Ele era o que seu?

JEFERSON

Meu irmão mais novo.

GUARDA

Do que que é esse seu uniforme?

JEFERSON

Do colégio militar.

101

GUARDA

E como que você deixa seu irmão ir parar num buraco daquele.

JEFERSON

Eu nem via ele.

GUARDA

É sempre assim.

JEFERSON

(Irritado) Posso ver ele?

GUARDA

Pode. Leva ele na geladeira.

Jeferson segue o guarda. Kenedy vai junto.

GUARDA

(Para Kenedy) Aonde você vai?

KENEDY

Preciso ver também.

GUARDA

Você é parente?

KENEDY

Quase.

GUARDA

Então vai ter que esperar.

JEFERSON

102 (Para Kenedy) Deixa que eu faço isso. Espera um pouco aí.

Jeferson segue o guarda até a geladeira.

GUARDA

Pra que que você vai querer ver um presunto?

KENEDY

(Com o olho vermelho) É meu melhor amigo.

GUARDA

Era. Senta aí.

Kenedy senta e cobre o rosto para disfarçar as lágrimas. O guarda põe uma carteira de identidade e um cartão postal ao lado dos papéis que

Jeferson preencheu. A carteira é de Washington de Souza e o cartão postal é de uma paisagem do Rio de Janeiro. Jeferson volta com um olhar atônito. Kenedy se levanta enxugando as lágrimas.

KENEDY

E aí?

JEFERSON

Acho melhor você dar uma olhada também.
Kenedy olha para Jeferson sem entender.

JEFERSON

Deixa ele dar uma olhada no meu irmão.

GUARDA

103

Já falei que é só família.

JEFERSON

Deixa ele ver. Ele é mais irmão do meu irmão do que eu. Quebra essa.

GUARDA

Tá bom. Leva ele lá.

Kenedy segue o outro guarda. Jeferson aproxima-se do balcão e vê a identidade e o cartão postal.

JEFERSON

Que é isso daqui?

GUARDA

É o que tinha junto com o corpo.

JEFERSON

Só isso?

GUARDA

O que você queria? Que tivesse uma herança. Jeferson olha o cartão postal e vê na parte de trás, escrito a mão o endereço e o telefone da mãe.

GUARDA

Termina de preencher a papelada pra eu poder liberar o corpo.

JEFERSON

(Olhando para o cartão postal e pra identidade) Já vou.

Jeferson fica imóvel com um olhar vazio. Kenedy volta acompanhado do guarda. Também tem um olhar atônito.

GUARDA

(Sarcástico) Contente de ter visto seu amigo?

Kenedy aproxima-se de Jeferson e puxa-o para o lado.

KENEDY

(Baixo) Aquele não é o seu irmão.

JEFERSON

(Encara em silêncio e fala baixo) Tem certeza?

KENEDY

(Confirma com a cabeça) Seu irmão tinha uma cicatriz na perna.

JEFERSON

Como que pode isso?

KENEDY

Não sei. Mas não é o seu irmão.

GUARDA

E aí meu filho? Não tenho o dia inteiro não. Vai preencher esses papéis ou não?

105

Cena 49 – interna – dia – banheiro da estação - flashback

JEFERSON

E aí Washington? Você tá bem?

De dentro da cabine pode se ouvir Washington vomitando. Jeferson e Kenedy estão ao lado da porta da cabine.

KENEDY

O que que a gente vai fazer?

JEFERSON

Fica quieto Kenedy. Sai daí Washington.

KENEDY

E se alguém viu a gente?

JEFERSON

Cala boca. Não vai acontecer nada.

Washington sai de dentro do reservado e vai até a pia lavar seu rosto. Os outros dois aproximam-se dele.

JEFERSON

Como você tá?

Washington continua a lavar seu rosto e não olha para os dois.

JEFERSON

Bem que eu falei pra gente não fazer esse negócio.

KENEDY

O que que a gente vai fazer?

JEFERSON

Justo agora que eu passei no colégio militar. Não vou deixar isso fuder com a minha vida.

Washington levanta a cabeça e com a água que escorre, parece que seu rosto se alterou.

WASHINGTON

A gente não vai fazer nada.

KENEDY

Como nada?

WASHINGTON

Nada. Se alguém vier atrás da gente, aí a gente faz alguma coisa. Se ninguém vier, o queridinho aqui vai pro Rio e a gente segue com nossa vida.

JEFERSON

É isso aí.

WASHINGTON

Kenedy, aquilo nunca aconteceu, você ouviu bem, nunca aconteceu.

107

Washington abraça Kenedy. Com o braço sobre seu ombro, eles saem seguidos por Jeferson. A porta do banheiro se fecha.

Cena 50 – interna – tarde – ônibus

A porta do ônibus se abre. Somente um RAPAZ (35 anos) entra no ônibus. Ele carrega uma pequena bolsa e usa uma camiseta que diz: *Jesus é a liberdade*. Jeferson e Kenedy estão sentados no meio do ônibus em silêncio. Kenedy está com a caixa em seu colo.

RAPAZ

(Tirando pequenos saquinhos de bala da bolsa e distribuindo entre as pessoas) Boa tarde meus irmãos. Sou do centro de auxílio *Jesus é a liberdade* e estou aqui para falar para vocês a respeito do mundo das drogas.

Jeferson não demonstra muito interesse, mas Kenedy presta atenção.

RAPAZ

Sei que a maioria não está nem aí pra isso, sei que a maioria acha que essas pessoas merecem tudo que estão sofrendo por terem entrado no mundo das drogas. Mas muitas vezes não é culpa delas irmãos. Elas não sabem que existe outro caminho. Um caminho sem as drogas, sem a bebida, sem o sofrimento. Eu tenho hoje, 32 anos. Mas desde os 13 estive com as drogas e as bebidas. Não conseguia fazer nada sem elas. Mas a dois anos as pessoas do centro me encontraram e me ajudaram a largar todos os meus vícios. Com a ajuda deles e principalmente de Jesus Cristo, eu consegui largar esse mundo que tava acabando comigo. Tá vendo irmãos, é possível mudar de vida. Por isso que eu estou aqui pe-

dindo a ajuda de vocês. Qualquer quantia que vocês puderem doar é importante pra gente manter nosso trabalho. Eu sei que a maioria não tem parentes ou amigos nessa situação, mas não se esqueçam irmãos, que ninguém sabe o que o futuro reserva pra gente.

Jeferson observa o cartão postal que está em sua mão.

RAPAZ

Nesse papel que está com vocês tem o nosso endereço e se um dia vocês precisarem levar um parente, um amigo que está perdido nas drogas, leve ele lá. Com a nossa ajuda e a força de Jesus, ele com certeza sairá dessa.

Ele começa a andar no ônibus recolhendo as doações.

KENEDY

Você tem alguma coisa aí.

JEFERSON

(Tira uma moeda do bolso) Aqui.

Quando o rapaz passa por eles Kenedy lhe entrega a moeda.

RAPAZ

Obrigado, que Jesus abençoe o caminho de vocês.

KENEDY

Amém.

Jeferson continua em silêncio, segurando o cartão postal e observando a avenida.

Cena 51 – externa – tarde – rua da zona sul de São Paulo - flashback

Os três meninos andam em direção à rua em que moram.

JEFERSON

O que a gente vai falar pra mãe?

WASHINGTON

Qualquer coisa. A gente diz que foi visitar o Tucano lá em Santo Amaro.

JEFERSON

Ela não vai acreditar.

WASHINGTON

Deixa que eu falo com ela. Ela sempre acredita em mim.

JEFERSON

Você tá bem Kenedy?

KENEDY

Tô.

Os três entram em sua rua. Jeferson continua a caminhar quando percebe que Washington e Kenedy pararam em frente à casa de Márcio.

JEFERSON

O que foi agora?

WASHINGTON

A gente tem que receber.

JEFERSON

Receber o quê?

WASHINGTON

111

O combinado.

KENEDY

É. Ele tem que pagar pela entrega.

JEFERSON

Você tá louco. Ele não vai pagar nada pra gente.

WASHINGTON

Claro que vai. A gente combinou. Você não quer o dinheiro?

JEFERSON

Não. Quero esquecer tudo que aconteceu hoje.

WASHINGTON

Mas eu não quero. Eu quero receber pelo que eu fiz.

KENEDY

Seu irmão tá certo, Washington. Vamos esquecer tudo isso aqui.

WASHINGTON

Não. A gente precisa desse dinheiro. Vocês acham que é fácil ganhar essa grana.

JEFERSON

Não. Mas isso não tá certo.

WASHINGTON

112 Como que você sabe?

JEFERSON

Você não precisa disso Washington. Não precisa do Márcio.

WASHINGTON

Por que você acha que sempre tá certo? Só porque é CDF e vai pro colégio militar acha que sabe tudo?

JEFERSON

Sei mesmo. Sei que você nunca vai ser nada. Washington se vira e vai em direção à porta da casa de Márcio. Jeferson vai atrás dele.

JEFERSON

Vamo pra casa.

WASHINGTON

Pode ir, eu tenho um assunto pra resolver.

JEFERSON

Vamo embora Washington!

WASHINGTON

(Tocando a campainha) Não enche!

Jeferson puxa Washington pelo braço. Washington se solta. Jeferson insiste. Washington dá então um tapa no rosto do irmão, que cai.

WASHINGTON

113

Não se mete na minha vida!

Jeferson se levanta e olha para Washington com raiva. Alguém chega na porta por dentro para abri-la. Jeferson se vira e vai embora. Márcio abre a porta.

MÁRCIO

E aí meu craque, fez a entrega?

WASHINGTON

Fiz. Cadê nosso dinheiro?

MÁRCIO

Calma, entra aí pra gente conversar.

Washington e Kenedy entram na casa. Jeferson vai sozinho pela rua. Ele se vira no momento que a porta se fecha. Ele caminha sozinho pela rua.

Cena 52 – externa – tarde – rua da zona sul de São Paulo

Jeferson e Kenedy passam em frente à casa que era de Márcio, quando eles eram crianças. Os dois continuam andando pela rua até chegar à casa dos pais de Jeferson. Kenedy carrega a caixa e Jeferson traz na mão o cartão postal. Eles chegam ao portão da casa.

KENEDY

Eu não vou entrar não. Vou pra casa.

JEFERSON

(Cansado) Obrigado pela ajuda Kenedy.

KENEDY

De nada. Mais tarde eu volto aí pra ir no velório com vocês.

JEFERSON

É, minha mãe vai gostar disso.

Jeferson estende a mão para Kenedy. Eles se cumprimentam e Kenedy vai. Ele dá cinco passos e vira.

KENEDY

Você não quer saber o que tem na caixa?

JEFERSON

É melhor você abrir sozinho, ele deixou pra você. Kenedy volta.

KENEDY

Não, ele era seu irmão. Vamo abrir.

Kenedy abre a caixa. Dentro dela tem somente uma carteira bem usada.

115

KENEDY

É a carteira do Washington.

Jeferson pega a caixa e vê que não tem nada lá dentro. Kenedy abre a carteira. Dentro tem uma nota de 1 dólar. O rosto dos dois se altera.

KENEDY

Você lembra disso?

JEFERSON

Lembro. É a nota que o Márcio pagou naquela viagem.

KENEDY

Não sabia que ele tinha guardado.

JEFERSON

Também não.

Jeferson entrega o cartão postal para Kenedy segurar e pega a nota.

KENEDY

(Observando o cartão) O que é isso aqui?

JEFERSON

(Olhando para a nota) É um cartão que eu mandei pra minha mãe quando cheguei no Rio.

116 Jeferson rasga a nota em três pedaços. Kenedy olha para ele em dúvida.

JEFERSON

(Dá a ele um pedaço) Toma, é a sua parte pra dar sorte.

Jeferson pega os outros dois pedaços e guarda em sua carteira. Kenedy devolve o cartão postal.

JEFERSON

(Recusando) Fica com você. Aí tem o meu endereço, quando quiser aparece lá.

KENEDY

Obrigado.

Jeferson dá um longo abraço em Kenedy.

JEFERSON

Se você cruzar com o Washington, dá meu endereço pra ele.

Kenedy faz que sim com a cabeça e sai. Jeferson fica no portão olhando o amigo subir a rua. Kenedy sobe lentamente a rua até sair do campo de visão da câmera.

Cena 53 – externa – tarde – rua da zona sul de São Paulo – flashback

117

De onde Kenedy desapareceu, os três meninos aparecem. Eles descem a rua cantando e dançando.

FIM



Para

*Lazarina, Therezinha, João, Gail, Denise, Marcos
e Lucas*

De Passagem

Um filme de Ricardo Elias

Com
Silvio Guindane
Fábio Nepo

Glenys Rafael da Silva
Paulo Igor
Louhan Brandão

119

DIREÇÃO E ARGUMENTO
Ricardo Elias

PRODUÇÃO
Assunção Hernandez
Van Fresnot

PRODUÇÃO EXECUTIVA
Van Fresnot

ROTEIRO

Cláudio Yosida - Ricardo Elias

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA

Jay Yamashita

MONTAGEM

Reinaldo Volpato

DIREÇÃO DE ARTE

Cristiano Amaral

FIGURINOS

Marichilene

MÚSICA

André Abujamra

SOM DIRETO

Jorge Vaz

PREPARAÇÃO DE ATORES

Gabriela Rabelo

PRODUÇÃO DE ELENCO

Cássia Guindo

ASSISTENTE DE DIREÇÃO

Kity Féo

121

DIREÇÃO DE PRODUÇÃO

Farid Tavares

PRODUÇÃO DE LANÇAMENTO

Rafael Franco

Elenco

Silvio Guindane
Fábio Nepo

Jeferson
Kennedy

Glenis Rafael da Silva
Paulo Igor
Louhan Brandão

Jeferson 10 a
Kennedy 10 a
Washington 10 a

Wilma de Souza
Estevão Maya-Maya
Priscila Dias
Lucélia Machiaveli
Luciano Carvalho
Raphael Garcia
Thiago de Mello
Mariana Loureiro

Dona Clotilde
Pai Jeferson
Jenifer
Mercedes
Marcio
Sérgio traficante
Devanilson
Jaqueline

123

Por ordem de entrada

Salete da Silva
Janaina Carvalho
José Bosco e Silva
Rodrigo Russo

Senhora ônibus
Jennifer criança
Cobrador
Duílio

Paixão de Jesus
Lena Roque
Rogério Brito
Tereza Castilho
Carlos Eduardo Ramos
Alexandre Kavanji
Francisca Queiroz
Antônio Januzelli
João Victor Evangelista
Claudio Albuquerque
Gabriela Rabelo
Pink Mello
Carlos Mecen
Marco Vasconcellos
Luiz Amorim
Elton Belini
Gilberto Caetano
Tomás

Mãe do Duilio
Profa. Helena
Pastor
Senhora 70 anos
Garoto walkman
Segurança trem
Moça paquera
Sr. Informação
Garoto bolachas 1
Policial
Sra. delegacia
Filha na delegacia
Delegado
Segurança morto
Guarda 1IML
Guarda 2 IML
Ex-drogado
Garoto bolachas 2

Equipe de Direção

CONTINUISTA

Florence Weyne Robert

2ª. ASSISTENTE DE DIREÇÃO

Flávia Thompson

ESTAGIÁRIA DE DIREÇÃO

Paula T. M. Faro

125

Equipe de Produção

COORDENADOR DE PRODUÇÃO

Pablo Torrecillas

COORDENADOR DE FINALIZAÇÃO

Fernando Andrade

PRODUTOR DE LOCAÇÃO

Pablo Torrecillas

PRODUÇÃO DE SET
Celsão

ASSISTENTE PRODUÇÃO DE SET
Jair Neto

AJUDANTE DE SET
Alexandre Mazzi

ESTAGIÁRIA DE PRODUÇÃO
Juliana Crelie

ESTAGIÁRIO DE PRODUÇÃO
Carlos Mikaro

ASSISTENTE PRODUÇÃO DE FINALIZAÇÃO
Toni Domingues
Ester Fér

AJUDANTE GERAL
Anderson de Souza

AJUDANTE FILMAGENS BRASILÂNDIA
Black Gero

Equipe de Fotografia

1o. ASSISTENTE DE CÂMERA

Eduardo de Andréa (Kito)

2º ASSISTENTE DE CÂMERA

Robson Guimarães

VÍDEO ASSIST

Karla Meneguetti

STEAD CAM

Dado Carlin

127

GAFFER

Álvaro de Brito

ASSISTENTES DE ELÉTRICA

Rennan Alves Rocha

Rodrigo Fonseca Carvalho

Flávio Nascimento

MAQUINISTA

Rogerinho

ASSISTENTE DE MAQUINARIA

Jéferson Lemos (Hugue)

STILL

Marcos Camargo

MAKING OF

Rodrigo Diaz Diaz

Equipe de Som

MICROFONISTA

Jorge Rezende Vaz

Equipe de Arte

PRODUÇÃO DE FIGURINOS

Priscila Sabina de Souza

Hélio Silva

CAMAREIRA

Lúcia Cabral

PRODUÇÃO DE OBJETOS

Val Fernandes

MAQUIADORA

Nana Cunha

CONTRA-REGRA

Marcelão

ESTAGIÁRIA DIREÇÃO DE ARTE

Sachais Couto

129

CENOTÉCNICO

Nadir Jacob

AJUDANTE DE ARTE

Dácio

Equipe de Montagem

ESTAGIÁRIO DE MONTAGEM

Daniel Gonzalez

Filmagens Adicionais

SOM DIRETO

Gabriela Cunha

2ª ASSISTENTE DE CÂMERA

Karla Meneguetti

Coordenação Financeira

Vanessa Lias

Ester Fér

ESTAGIARIA

Luana Santos

Motoristas

Adriano Barbosa Morales

Alexandre Mazzi

Denis Machado Sk8.

Fininho

Mauro Yoshida

Miranda

Robertão

Trevisan Transporte Especializado

Segurança

131

Jawaly

Figuração

Casting 12

Finalização

ILHA DE EDIÇÃO NÃO LINEAR

Andrade Produções

ESTÚDIO FINALIZAÇÃO DE SOM E MIXAGEM
Filmosonido (Santiago de Chile)

EDIÇÃO DIÁLOGOS/GRAVAÇÃO DUBLAGENS
Nadine Voullieme

EDIÇÃO DE AMBIENTES E SFX
Júlio Saravia

GRAVAÇÃO DE FOLEY
Ivan Quiroz

ARTISTAS DE FOLEY
Roberto Espinoza
Alfonso Segura

COORDENAÇÃO TÉCNICA
Cláudio Hijerra

MIXAGEM FINAL 5.1
David Miranda

ESTÚDIO GRAVAÇÃO DUBLAGENS
Grooveria ElectroAcústica (São Paulo)

CONSULTOR DOLBY

Mario Faucher

LABORATÓRIO DE IMAGEM
CINEMA Copiagens e Revelações

MÚSICOS

Renata Botti	Fagote
Atílio Marsiglia	Violino
Kuki Stolarski	Bateria

PRODUÇÃO MUSICAL

Bell&Bull Produções Artísticas
(Belma Ikeda e André Abujamra)

133

Gravado no “A Bull Stúdios”
por André Abujamra
(www.andreabujamra.com)

LOGOTIPO

Fernanda Chamlian

LETREIROS

Paula Astiz

MÚSICAS

“PRIMAVERA (VAI CHUVA)”

Autores: Cassiano/Silvio Rochael

Editora: Warner Chappell Edições Musicais
Ltda.

“SÓSEREISEUSEFORSÓ/NUVEM PASSAGEIRA”

Autores: André Abujamra/Hermes Aquino

Gravadora: NetRecords

Editora: Spin Music/SIGEM

Co-Patrocínio

Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo

Patrocinio

BR Petrobrás

Governo Federal

APOIO CULTURAL

FUJI Filmes

Politheama

Motion

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

SP Trans

Companhia do Metropolitano

IML (Dr. Jajura/Dr. Haddad/Dr. Paulo Vaz)

Viação de Ônibus Tupi

135

AGRADECIMENTOS

Moradores da Rua Augusto C. Sandino

Sr. Victor Mazzi

Bar e Lanches Vavá

Maroca, Luciano e demais “manos”

Sr. Terçon

Moradores da Favela Paraíso

Sras. Sueli, Penha, Edivânia e Maria

Teatro Oswald de Andrade

Teatro Sergio Cardoso

Teatro Ruth Escobar

Grifa Cinematográfica
Div. Transportes da Policia Civil – Dr. Édson
Schivinatto
Secretaria de Estado dos Negócios da Segurança Pública (Assessor de Imprensa Carlos
Alberto da Silva)
Transurb
Casa de Elenco O2
(Cecília Homem de Mello/Rita Fernandes)
Apetesp
Cooperativa Paulista de Teatro
Cantoneira (Administrador Sr. Silvio)
Nilcéia de Oliveira Santos
Cristiane Alves Miranda
Alice de Oliveira Fresnot
Carina Crelier
Viação Mar Azul
Castropil Embalagens
Monarcha Indústria e Comércio de Máquinas
Ltda.
Exército Brasileiro
Aluno Militar vestido pela NK UNIFORMES
COLEGIAIS LTDA.
Editora Ática

Maria Cecília Menks Ribeiro
Ana Lúcia Ancona
Martim Amaral
KL JAY “RACIONAIS”
Prefeitura Municipal de Mauá
Projeto Travessia
Teatro ÀGORA
Ary Brandi
Elton Delini
Fátima Ribeiro
Hélio Cícero
Imara Reis
Toshihiro Yosida
Sabina Anzuategui
Janô
Jorge Marcondes
Carlos Nascimbeni
Rosi Campos
Juliana Santonieri
Maria Fernanda Ortiz
Central de Locações – Paulo Henrique dos
Santos
Spal – Indústria Brasileira de Bebidas
Subprefeitura de Santo Amaro

Raiz, produtora do filme *De Passagem*, comemora 30 anos

Na direção da Raiz Produções Cinematográficas, criada em 1974, segue até hoje a produtora Assunção Hernandes. O parceiro na fundação da empresa, João Batista de Andrade, dá continuidade à sua carreira de produtor e diretor em nova empresa, a Oeste Filmes.

No comando da Raiz – que contabiliza hoje a realização de 24 longas-metragens, entre produções e co-produções, nacionais e internacionais, ficção e documentário, 13 médias e cerca de 30 curtas – estão Assunção e Fernando Andrade, produtor, músico e finalizador.

139

Entre os prêmios conquistados ao longo dos anos, constam os de melhor filme, diretor e cenografia no Festival de Gramado (para *Doramundo*, em 1976), melhor filme no Festival de Moscou (para *O Homem que Virou Suco*, em 1979), Urso de Prata no Festival de Berlin (para *A Hora da Estrela*, em 1985), melhor filme, dire-

tor, cenografia, fotografia, música e montagem no Festival de Gramado (para *A Dama do Cine Shanghai*, em 1987), melhor filme, diretor e roteiro também em Gramado (para *De Passagem*, em 2003).

Um breve resgate

140

Os fundadores da Raiz começaram a se envolver com produção e direção de filmes antes mesmo da criação da empresa. João Batista de Andrade teve experiências, iniciadas ainda na faculdade (Politécnica, da USP), com o Grupo Kuatro e, posteriormente, com a produtora Tekla. Como sócio-fundador da Raiz, afirmou sua carreira como cineasta e realizou grande parte de sua obra – longas, médias e curtas – com independência e reconhecido talento.

Assunção tomou contato com a produção cinematográfica também na universidade. Estudante de Ciências Sociais, na USP, foi convidada a dirigir o departamento cultural da União Estadual dos Estudantes, que produzia teatro e

musicais. Pela demanda e interesse de alguns alunos da Poli, entre eles Andrade, fez sua estréia na produção em cinema e realizou, assim, o primeiro documentário da UEE, de São Paulo.

A experiência, que consistia também em levar os espetáculos a outros Estados, no entanto, foi abruptamente interrompida pelo Golpe Militar, que encerrou as atividades das organizações estudantis. Mesmo assim, a incipiente carreira de Assunção como produtora começou a ser reconhecida ali mesmo. Por cerca de dez anos, em sua casa, ela atendeu jovens universitários e seus projetos fílmicos. Assunção administrava, dava dicas e conselhos.

141

Depois disso, fora convidada a produzir uma série de documentários com temática ambiental. No entanto, pela oferta ter vindo de uma grande empresa (através de um jovem profissional, contemporâneo dos tempos de universidade), era necessária a constituição de uma empresa - para poder atender às exigências da contratante.

Assim, em 1974, nasceu a Raiz Produções Cinematográficas. O nome veio justamente da temática dos primeiros projetos. Assunção e João Batista de Andrade, então casados, instalaram a empresa nas dependências da casa em que moravam.

E, mesmo com as diversas crises econômicas e políticas pelas quais o Brasil passou – indo da ditadura à luta pela democracia até se atingir finalmente o estado democrático de direito – a produtora completa três década de atuação e também de resistência no mercado brasileiro de cinema.

Assunção fez parte da primeira diretoria do CBC – Congresso Brasileiro de Cinema (de 2000 a 2001) e foi presidente da entidade de 2001 a 2003. Além disso, presidiu o Sicesp (Sindicato da Indústria Cinematográfica do Estado de São Paulo), de 2000 a 2003. À experiência adquirida ao longo desses 30 anos soma-se a flexibilização da empresa aos novos avanços tecnológicos e transformações técnicas e artísticas.

Os filmes

Nos anos seguintes ao nascimento da Raiz, são realizados filmes para o movimento Cinema de Rua, como *Restos* (um curta de 10 minutos que trata da questão do lixo, em São Paulo, e da miséria daqueles que buscam ali algum meio de sobrevivência) e *O Buraco da Comadre* (curta que revela o convívio de determinada população com um enorme buraco instalado na região há mais de 20 anos). Para a televisão, outras obras são realizadas, como *A Escola de 40 Mil Ruas*, *O Jogo do Poder*, *Wilsinho Galiléia e Migrantes*.

143

Em 1977, a produtora lança o segundo longa-metragem de João Batista de Andrade, *Doramundo* (baseado em romance homônimo de Geraldo Ferraz) – o primeiro, *Gamal, o Delírio do Sexo*, é de 1969, realizado, portanto, antes da criação da produtora. Em 1979, o cineasta realiza *O Homem que Virou Suco*. Entre os quase dez prêmios conquistados, destaca-se a medalha de ouro concedida pelo Festival Internacio-

nal de Moscou e ainda o Prêmio Mérito Humanitário, outorgado pela organização de jovens daquele país.

Em 1982, a Raiz apresenta três novos trabalhos: o documentário *1932 / 1982 - A Herança das Idéias*, uma produção especial feita para a Rede Globo; o média-metragem *Tribunal Bertha Lutz* e o longa *A Próxima Vítima* (que marca a estréia de Mayara Magri no cinema), também dirigido pelo cineasta. Três anos depois, a veia jornalística de Andrade o faz registrar a repercussão da agonia e morte de Tancredo Neves e também o desespero vivido pelo povo no filme *Céu Aberto*, premiado no Brasil e exterior.

Também em 1985, a Raiz produz e lança a estréia na direção de Suzana Amaral, *A Hora da Estrela*, baseado em romance homônimo de Clarice Lispector. O longa ganha o Urso de Prata, no Festival de Berlim, é consagrado como o melhor filme no Festival de Havana, e sai vencedor absoluto do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro: é premiado como melhor filme,

direção, roteiro, atriz, ator, montagem, cenografia, fotografia, trilha sonora, atriz e ator co-adjuvantes.

Em 1987, a Raiz produz e lança dois outros títulos de longa-metragem: *A Dama do Cine Shanghai*, de Guilherme de Almeida Prado, e *O País dos Tenentes*, de João Batista de Andrade. O primeiro deles conquistou uma série de prêmios no Festival de Gramado – Cinema Brasileiro e, o segundo, outros tantos candangos no Festival realizado na Capital Federal (além de ter sido premiado no Festival Internacional de Cinema do Rio de Janeiro). No ano seguinte, acontece a primeira co-produção da história da Raiz: em parceria com a Cinema do Século XXI, produz *Brasa Adormecida*, de Djalma Limongi Batista. A experiência será repetida posteriormente com *Lua Cheia* (Alain Fresnot), *Presença de Marisa* (John Doo) e *Real Desejo* (Augusto Seva). Em 1988, a Raiz produz, através de dois curtas, *Nariz* e *Arabesco*, a estréia da diretora Eliane Caffé.

Através da Raiz, Assunção passa a ser reconhecida como uma das mais importantes produtoras de cinema do País: a APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) lhe oferece um troféu pelo estímulo à produção paulista e a Air France lhe atribui o prêmio de melhor produtora do ano. Além disso, por dois anos consecutivos, Assunção recebe uma premiação no Rio Grande do Sul, pela melhor utilização de incentivos da Lei Sarney.

146

Na seqüência, realiza co-produções com parceiros internacionais: *Solo de Violino*, de Monique Rutler, Brasil/Portugal (via produtora Cinequanon), em 1990; e *El Viaje*, dirigido pelo cineasta argentino Fernando Solanas, selando uma experiência com a empresa Cinesur, que agregava a parceria de outros países, como Itália, Espanha, França, México, entre outros. Esse filme conquistou, em Cannes, o prêmio técnico de fotografia para Felix Monti.

Em 1992, Almeida Prado volta a filmar e realiza, com a Raiz Produções Cinematográficas, *Perfu-*

me de Gardênia. O longa, que tem Christiane Torloni e José Mayer no elenco principal, apresenta ainda Walter Quiroz, jovem ator conhecido da TV argentina. Esse longa dá continuidade às co-produções internacionais da Raiz, desta vez, associada a Jorge Estrada Moura, produtor originário da Colômbia, com produtora sediada na Argentina.

Perfume conquista inúmeros prêmios, entre os quais, os de melhor direção, roteiro, ator, atriz coadjuvante e direção de arte no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

147

No entanto, a importância de *Perfume* não é advinda apenas dos prêmios conquistados. O filme de Guilherme de Almeida Prado é bastante simbólico de um determinado período: com a política cultural adotada por Fernando Collor de Mello, quando Presidente, a produção audiovisual brasileira estancou. Em 1992, o filme citado foi o único longa de ficção rodado e concluído no País; representou, solitariamente, a cinematografia brasileira no Festival

de Gramado. Foi então que o evento deixou de apresentar exclusivamente filmes brasileiros e ampliou a sua abrangência, tornando-se ibero-americano.

Por um mecanismo bi-nacional, três filmes da Raiz ganham nacionalidade argentina, outorgada pelo Instituto Argentino de Cinema e pelo CONCINE. Foram eles: *A Hora da Estrela*, *O Homem Que Virou Suco* e *A Dama do Cine Shanghai*.

148 Três anos depois, com políticas culturais em vigor, através de leis de incentivo, João Batista de Andrade filma *O Cego que Gritava Luz*. Portanto, mesmo depois de ter passado por gravíssima crise de produção, a Raiz lança nova obra de Andrade, filmada totalmente em Brasília, nas margens do lago Norte, às margens do poder, agora já sem Collor de Mello na Presidência.

Em 1999, o diretor realiza nova ficção, *O Tronco*, projeto acalentado durante mais de 30 anos,

desde a época em que Assunção e Andrade eram estudantes da USP. A dupla chegou a contactar o escritor goiano Bernardo Ellis que se comprometeu a “guardar” a transposição da obra literária em cinematográfica para os respectivos diretor e produtora.

Em 2001, a Raiz realiza mais uma co-produção e, em parceria com a produtora Jandaíra, de Florinda Bulcão, e Roderaf, filma no Ceará *Eu Não Conhecia Tururu*. No mesmo ano, produz a segunda direção de Suzana Amaral, *Uma Vida em Segredo* (que acaba revelando a atriz Sabrina Greve para o cinema). Em 2002, co-produz com a Oeste Filmes, nova produtora de João Batista de Andrade, a 12ª experiência na direção do cineasta, *Rua Seis, sem Número*. Em 2003, a Raiz Produções Cinematográficas produz *De Passagem*, mais uma estréia de diretor, desta vez Ricardo Elias que, enquanto estudante, estagiou na produtora. O longa saiu consagrado do Festival de Gramado daquele mesmo ano, conquistando cinco troféus, entre eles o de melhor roteiro para Cláudio Yosida e Ricardo Elias.



Selo comemorativo

Comemorando seus 30 anos de existência, a Raiz está lançando em DVD, mensalmente, desde o final de outubro (com a marca de um selo comemorativo), toda a sua produção audiovisual, tornando acessível ao público todo o seu acervo, que é constantemente procurado.

Em cada disco, haverá, além do filme propriamente, uma série de extras, como imagens das filmagens, críticas publicadas na época do lançamento, entrevista com o diretor. Os filmes curtos e médios serão reunidos pela temática comum, a exemplo dos que tratam de questões ambientais, sociais, infantis, etc.

151

O acervo completo da Raiz Produções Cinematográficas será disponibilizado inicialmente nas locadoras e, a seguir, estará à venda em lojas, livrarias, bancas de revistas e internet. A ordem seguida para os lançamentos contemplará dos trabalhos mais novos aos mais antigos (que passarão por um cuidadoso processo de restauração).

Créditos das fotografias

As fotografias de still utilizadas neste volume são da autoria de Marcos Camargo.

COLEÇÃO APLAUSO

A *Coleção Aplauso*, concebida e editada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, se tornou um sucesso de venda e de repercussão cultural. Coordenada pelo crítico Rubens Ewald Filho, a Coleção resgata, para um público amplo, a vida e a carreira de grandes intérpretes, diretores e roteiristas do cinema, do teatro e da televisão brasileira.

Vários fatores se somam para explicar a gratificante aceitação. São escritos, em sua maioria, por jornalistas especializados, que se baseiam depoimentos dos próprios biografados, resultando em textos diretos, fluentes, entremeados de episódios divertidos. Publicados em formato de bolso e com adequado projeto gráfico, os livros trazem fotos inéditas do acervo pessoal de cada biografado de relevante interesse artístico e histórico.

155

A escolha dos biografados representa outro fator decisivo para o interesse despertado pela Coleção. São personalidades representativas rememorando suas trajetórias de vida, sua for-

mação prática e teórica, seus métodos de trabalho, suas realizações e – em alguns casos – suas frustrações, recuperando assim a própria história acidentada do cinema, do teatro e da televisão em nosso país.

A Coleção, que tende a ultrapassar os cem títulos, já se afirma e reúne um time ilustre e variado, de dar orgulho a qualquer brasileiro. São atores e atrizes, como Bete Mendes, Cleyde Yaconis, David Cardoso, Etty Fraser, Gianfrancesco Guarnieri, Irene Ravache, John Herbert, Luís Alberto de Abreu, Nicette Bruno e Paulo Goulart, Niza de Castro Tank, Paulo José, Reginaldo Faria, Ruth de Souza, Sérgio Viotti, Walderez de Barros. Diretores, como Carlos Coimbra, Carlos Reichenbach, Helvécio Ratton, João Batista de Andrade, Rodolfo Nanni e Ugo Giorgetti. Atores que também se tornaram diretores, como Anselmo Duarte, o único brasileiro a arrebatá-lo até hoje a Palma de Ouro no Festival de Cannes, na França.

Além dos perfis biográficos, que são a marca da Coleção, ela inclui projetos especiais, com formatos e características distintos, como as excepcionais pesquisas iconográficas sobre Maria Della Costa, Ney Latorraca e Sérgio Cardoso. Publicamos, também, roteiros históricos, como *O Caçador de Diamantes*, de Vittorio Capellaro, de 1933, considerado o primeiro roteiro completo escrito no Brasil para ser filmado, ao lado de roteiros mais recentes, como *O Caso dos Irmãos Naves*, de Luís Sérgio Person, *Dois Córregos*, de Carlos Reichenbach, *Narradores de Javé*, de Eliane Caffé. Destaca-se a excepcional obra *Gloria in Excelsior*, organizada por Álvaro de Moya, sobre a ascensão, apogeu e queda da TV Excelsior, que mudou o jeito de fazer televisão no Brasil. Muitos leitores se surpreenderão quando descobrirem que vários dos diretores, autores e atores que promoveram o crescimento da TV Globo, nos anos 70, foram forjados nos estúdios da TV Excelsior, que sucumbiu juntamente com o grupo Simonsen, perseguido pelo regime militar. Nesse sentido, a obra de Moya acaba retratando mais do que a trajetória de uma rede de televisão, uma época histórica do País.

Contudo, se algum fator de sucesso da *Coleção Aplauso* merece ser mais destacado do que outros, é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país. Precisa apenas dispor de fontes de informação atraentes e acessíveis. É isso que a Imprensa Oficial propiciou ao criar a *Coleção Aplauso*, pois tem consciência de que toda nação que esquece sua história cultural, fica mais pobre espiritualmente, arriscando-se a perder sua identidade.

Títulos da Coleção Aplauso

Perfil

Djalma Limongi Batista - Livre Pensador

Marcel Nadale

Anselmo Duarte - O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Carlos Coimbra - Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Rodolfo Nanni - Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

João Batista de Andrade -

Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Carlos Reichenbach -

O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

Ugo Giorgetti - O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Aracy Balabanian - Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Renata Fronzi - Chorar de Rir

Wagner de Assis

Rubens de Falco - Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Renato Consorte - Contestador por Índole

Eliana Pace

Carla Camurati - Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Rolando Boldrin - Palco Brasil

Ieda de Abreu

Sonia Oiticica - Uma Atriz Rodrigueana?

Maria Thereza Vargas

Sérgio Hingst - Um Ator de Cinema

Maximo Barro

Cleyde Yaconis - Dama Discreta

Vilmar Ledesma

Irene Ravache - Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Ruth de Souza - Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

David Cardoso - Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

John Herbert - Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Reginaldo Faria - O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Paulo José - Memórias Substantivas

Tania Carvalho

Sérgio Viotti - O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Etty Fraser - Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

Paulo Goulart e Nicette Bruno - Tudo Em Família

Elaine Guerrini

Walderez de Barros - Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Rosamaria Murtinho - Simples Magia

Tania Carvalho

Bete Mendes - O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Gianfrancesco Guarnieri - Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Luís Alberto de Abreu - Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Niza de Castro Tank - Niza Apesar das Outras

Sara Lopes

Cinema Brasil

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores

Carlos Reichenbach e Daniel Chaia

Cabra-Cega

Roteiro de DiMoretti, comentado por Toni Venturi

e Ricardo Kauffman

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Como Fazer um Filme de Amor

José Roberto Torero

Dois Córregos

Carlos Reichenbach

Narradores de Javé

Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

O Caso dos Irmãos Naves

Luís Sérgio Person e Jean-Claude Bernardet

Casa de Meninas

Inácio Araújo

O Caçador de Diamantes

Vittorio Capellaro comentado por Maximo Barro

Teatro Brasil

Antenor Pimenta e o Circo Teatro

Danielle Pimenta

Trilogia Alcides Nogueira - ÓperaJoyce -

Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso -

Pólvora e Poesia

Alcides Nogueira

Alcides Nogueira - Alma de Cetim

Tuna Dwek

Ciência e Tecnologia

Cinema Digital

Luiz Gonzaga Assis de Luca

Especial

Dina Sfat - Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Maria Della Costa - Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Sérgio Cardoso - Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Ney Latorraca - Uma Celebração

Tania Carvalho

Gloria in Excelsior - Ascensão, Apogeu e Queda do

Maior Sucesso da Televisão Brasileira

Álvaro Moya

fotolito, impressão e acabamento

imprensaoficial

Rua da Mooca, 1921 São Paulo SP
Fones: 6099-9800 - 0800 123401
www.imprensaoficial.com.br

Os livros da coleção *Aplauso* podem
ser encontrados nas livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/lojavirtual

De Passagem foi o grande vencedor do Festival de Gramado de 2003, nas categorias de melhor filme, diretor (o estreante Ricardo Elias), roteiro (de Elias e Cláudio Yosida), prêmio da crítica e melhor coadjuvante (para Fabio Nepô). Produzido pela Raiz, o filme conta uma história humana sobre gente comum.



É sobre Jeferson, um aluno do colégio militar (Sílvio Guindane que, quando garoto, estrelou *Como Nascem os Anjos*) que volta a São Paulo para o enterro do irmão Washington, um traficante que foi morto no bairro de Francisco Morato. Junto com o amigo Kenedy (Fabio Nepô) vai atrás do corpo que precisa ser liberado, passando pela periferia da cidade (de trem, ônibus e metrô) até que desconfiam de que o irmão na verdade não morreu.



Basicamente o filme é essa busca, a reavaliação da amizade, a falta de perspectivas dos pobres, a escolha entre uma vida normal e a marginalidade.



Um roteiro premiado, que agora você poderá ler, analisar e estudar, nesta edição da **Coleção Aplauso**, que traz o texto original apresentado por seus autores. É mais um trabalho, dentro do projeto de resgate e preservação de nossa arte e cultura da, **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**.

ISBN 85-7060-363-0



9 798570 603639